Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 3.9.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 56 018 / €1,90 / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

PLANO ANTI-INFLAÇÃO

AJUDA DE 2 MILHÕES POR EMPRESA E 100€ PARA MAIS FAMÍLIAS

Pacote do governo pode ir além dos 2 mil milhões, contando com apoio a indústrias eletrointensivas e propondo antecipar aumentos dos pensionistas. DV teve também acesso a diploma criado para o regresso ao mercado regulado do gás: até 15 de novembro, comercializadores têm de apresentar alternativas.

DINHEIRO VIVO

CP CONDENADA A PAGAR 1,6 MILHÕES A JOVEM COLHIDA POR COMBOIO

INDEMNIZAÇÃO HISTÓRICA
Joana perdeu uma perna em 2008, quando caiu ao tentar apanhar em movimento o Sud-Express. Companhia sempre recusou responsabilidades, mas esta semana o tribunal arbitrou compensação máxima.

PÁGS. 6-8

PESSOA JÚNIOR

Nuno Villa-Lobos
"É preciso acabar com o faroeste na arbitragem *ad hoc*"

PÁGS. 10-11

Conferências do Estoril
Metsola apela a políticas coerentes e mais efetivas

PÁG. 12 e DINHEIRO VIVO

I Liga
Ao fim de 101 minutos de jogo, Benfica mantém-se invicto PÁG. 24

Segurança interna
Diploma que conclui reorganização da Proteção Civil está na gaveta há três anos

PÁG. 13

PSD pressiona
"Cada país toma a decisão que quer no IVA da energia"

PÁG. 9

Mercado de futebol
Inglaterra bate todos os recordes de transferências PÁG. 25

200 anos de Brasil
Guerra santa em nome de Lula e Bolsonaro
PÁGS. 20-21

***Brunch* com...**
Bruno Mota, fundador da Bold
Um consultor de tecnologia com vírus de empreendedor
PÁGS. 16-17

Cinema
João Botelho
"Aprendi com o Sr. Pessoa que a minha pátria é a língua portuguesa"
PÁGS. 26-27

EDITORIAL

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor-adjunto do Diário de Notícias

E depois de Francisco?

Dos Descobrimentos portugueses resultaram o Brasil, o país do mundo com mais católicos, e também Timor-Leste, o país do mundo com maior percentagem de católicos, como bem me relembrou há uns meses, numa entrevista em Díli, José Ramos-Horta, o Nobel da Paz que já este ano foi eleito pela segunda vez presidente do pequeno país nos confins da Ásia: "A religião católica é a de 98% dos timorenses. É a percentagem maior no mundo de uma população católica. As Filipinas têm 80 e tal por cento de católicos. Em Timor, a percentagem católica é a maior da Ásia, mas também do mundo, maior do que a da própria Polónia, que é supercatólica, e maior do que a do Brasil." E na resistência a duas décadas e meia de ocupação indonésia a força da Igreja timorense foi decisiva.

Desde o mês passado, Timor-Leste conta com um cardeal pela primeira vez, D. Virgílio do Carmo da Silva, arcebispo de Díli. E o Brasil, com dois novos cardeais nomeados pelo Papa Francisco, passa a contar com oito, num total de 226. Entre as novidades está também o arcebispo de Goa, patriarca das Índias, à frente de uma diocese com meio milénio mas que só agora recebe o chapéu cardinalício na pessoa de D. Filipe Neri Ferrão, fluente em português, tal como em concani, a língua da antiga colónia portuguesa, e em mais algumas, incluindo o inglês.

Mesmo não contando o cardeal goês, o número de cardeais de língua portuguesa atinge agora um recorde de 18, de entre os quais cinco portugueses. E entre aqueles com idade inferior a 80 anos, portanto com assento no colégio que elegerá o futuro Papa, os lusófonos são 11 (três deles portugueses, e o país já deu um Papa, mas no século XIII) em 132, insuficiente para determinar um vencedor, mas suficiente para, se atuar em bloco, ajudar a que um nome se destaque entre os favoritos. E talvez esse nome seja o de um deles, pois, com a Europa já em minoria entre os cardeais (44% do total, 40% dos eleitores), é com naturalidade que se aponta para que o sucessor do argentino Francisco (Jorge Bergoglio de batismo) venha também de outro continente, novamente das Américas, e aí o Brasil é candidato de plenissimo direito, até para tentar contrariar a força dos evangélicos, ou mesmo da Ásia ou de África.

A crescente deseuropeização da hierarquia da Igreja Católica reflete a realidade demográfica de uma religião com 1400 milhões de crentes, pois só um em cada cinco vive hoje na Europa. E um dos legados de Francisco será exatamente ter assumido essa realidade global dos crentes, por vezes até de forma extrema e surpreendente, como nomear agora um cardeal da Mongólia, embora, na realidade, seja um missionário italiano.

Filho de emigrantes italianos, Francisco de certa forma ainda não significou a novidade absoluta como Sumo Pontífice. Há quem julgue que a verdadeira concretização da vocação universal da Igreja Católica passará pela eleição de um Papa africano (o que não acontece desde o século V, quando o Norte de África era cristão) ou asiático. Uma escolha que refletirá a realidade demográfica mas também as apostas geopolíticas da Santa Sé de abertura ao mundo, evidentes na escolha dos cardeais ou nas viagens papais (este mês o Papa irá ao Cazaquistão, país de maioria islâmica com historial de tolerância religiosa, e nos nove anos de pontificado já foi a sete países da Ásia Oriental e a outros tantos de África).

Fazem-se apostas sobre o futuro Papa, caso Francisco, a caminho dos 86 anos, siga o exemplo de Bento XVI, em 2013, e resigne. O cardeal filipino Luis Antonio Tagle surge entre os favoritos, assim como o ganiano Peter Turkson, reforçando assim a tese de que a Igreja finalmente assumirá no topo a sua realidade geográfica e cultural. Mas também há cardeais italianos bem cotados, o que significaria, caso um deles fosse eleito, o surpreendente regresso ao que foram quatro séculos de tradição de Papas de Itália, só interrompidos em 1978 com a eleição de João Paulo II, um polaco.

Certo, certo, é que Francisco determinou o caminho da Igreja, e muito, pois dos 132 cardeais eleitores 83 foram criação sua. Assim, tudo é possível dada a atual pluralidade no colégio cardinalício – e sem excluir as três hipóteses portuguesas –, inclusive virmos a ter um Papa brasileiro, timorense ou até um da Índia, seja ou não o patriarca goês.

SOBE & DESCE

Rui Costa
Presidente do Benfica

A aposta em Roger Schmidt para treinador está a revelar-se certeira e o Benfica segue embalado com 9 vitórias em 9 jogos, lidera isolado a Liga, garantiu a Champions e dominou o mercado de transferências – fez 128 milhões em vendas e reforçou-se com craques como Draxler, Neres e Enzo. É um arranque de temporada praticamente perfeito para o presidente do clube da Luz.

Gonçalo Saraiva Matias
Presidente do CA da Fundação Francisco Manuel dos Santos

Na Fundação Francisco Manuel dos Santos desde 2018, Gonçalo Saraiva Matias assumiu vários cargos de relevo na instituição, incluindo no Conselho de Administração, na Comissão Executiva e como diretor de Estudos. No dia 1, a sua competência e distinção na execução de funções valeram-lhe a nomeação como presidente da Fundação, sucedendo a Jaime Gama.

António Costa
Primeiro-ministro

A saída do governo da ministra da Saúde, Marta Temido, mereceu um mero comentário por parte do gabinete do líder do governo. Uma das pastas mais contestadas do Executivo ficou sem liderança efetiva, mas parece que isso não preocupa Costa, que vai deixar a sua substituição para meio do mês. Resta saber que decisões vai a demissionária Temido tomar entretanto. Ou será que Costa espera que as danças moçambicanas o ajudem a tomar decisões?

Pedro Proença
Presidente da Liga Portuguesa de Futebol Profissional

Os clubes aprovaram um regulamento que é inconstitucional, que restringe a liberdade de imprensa. Ou seja, um jornalista que faça perguntas fora do que a Liga considera "certas" é alvo de procedimento disciplinar. Problema: o futebol não é um "reino" à parte e há em Portugal uma "coisa chata" chamada liberdade de imprensa. Que, pelos vistos, é incómoda. Talvez Proença deva marcar uma reunião de clubes para mudar a norma, não?

OPINIÃO HOJE

Luís Gomes
O país não precisa de mais tempo, mas de reformas
PÁG. 11

3.9.2022

Diretora Rosália Amorim **Diretor adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira e Artur Cassiano (adjunto) **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Céu Neves e Fernanda Câncio **Editores** Ana Sofia Fonseca, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil, João Pedro Henriques e Nuno Sousa Fernandes **Redatores** Ana Meireles, Carlos Nogueira, César Avó, David Pereira, Isaura Almeida, Paula Sá, Susete Francisco, Susete Henriques, Susana Salvador e Valentina Marcelino **Fecho de edição** Elsa Rocha (editora) **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Maria Helena Mendes, Lília Gomes, Rafael Costa e João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Joana Petiz (diretora) **Evasões** Pedro Ivo Carvalho (diretor) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Mafalda Inácio, Carlos Nogueira, Paula Sá, Susete Francisco e Rui Frias **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de junho de 2022: 6537 exemplares.

STARTUPS

O **Global Media Group** e a **EDP**, em parceria com a **Brisa**, a **Fidelidade**, o **Lidl**, a **Câmara Municipal de Cascais** e a **Câmara Municipal de Lisboa**, apresentam o Portugal Mobi Summit, uma das iniciativas de referência no debate dos temas de mobilidade sustentável.

O palco da **Grande Cimeira** também irá receber as ideias mais inovadoras nestas áreas com um espaço reservado a *pitches* de *startups* nacionais e internacionais selecionadas. Quem sabe se um deles não pode ser o seu?

INSCREVA JÁ A SUA PROPOSTA E PARTICIPE

portugalms.com

ORGANIZAÇÃO:

AUTOMOTIVE PARTNER:

MOBILITY PARTNER:

KNOWLEDGE PARTNER:

TECHNOLOGICAL PARTNER:

por Pedro Sequeira

Mais de 100 agentes da PSP, das mais diversas valências, participaram em operação especial de prevenção criminal no Cais do Sodré.

RITA CHANTRE/GLOBAL IMAGENS

O FC Porto caiu com estrondo em Vila do Conde. Galeno é a imagem do desespero portista.

IVAN DEL VAL/GLOBAL IMAGENS

Na semana em que perdeu a ministra da Saúde que tornou militante do PS, Costa esteve a visitar Moçambique e teve de mostrar os seus dotes de dançarino.

Sáb.

Insegurança na noite em Lisboa e no Porto

Na madrugada de sábado, a PSP de Lisboa montou uma operação especial de prevenção criminal visando uma zona em particular da cidade, o Cais do Sodré, após vários registos de roubos com recurso a armas num dos locais mais concorridos da noite da capital.
A operação não poupou nos meios: foram envolvidos mais de 100 agentes, das mais diversas valências da força de segurança, tendo sido detidas três pessoas e outras 120 identificadas. Mais do que estes números, o principal objetivo assumido pela polícia foi o de combater o sentimento de insegurança da população, que voltou em força à rua assim que recuperou em pleno a liberdade de movimentos, com o fim das restrições da covid-19.
No Porto, o desafio é idêntico. "Desde que abrandou a pandemia, existe uma grande concentração de pessoas na zona da *movida* e estamos atentos a essa realidade atual", reconheceu o comissário José Moreira, frisando que não é possível ter "um polícia em cada rua e à porta de cada bar", em resposta às acusações de Nuno Cruz, presidente da União de Freguesias do Centro Histórico do Porto, de que o governo tinha "abandonado" a cidade: "Não temos segurança e uma maneira de prejudicar o Porto é transmitir às pessoas a ideia de que não há segurança", lamentou.

Dom.

Lacunas do FC Porto e do Sporting à vista de todos

Foi um fim de semana de grandes surpresas na Liga portuguesa de futebol. Depois de o Sporting ter perdido em casa, por 2-0, frente ao Chaves, no sábado, domingo foi a vez de o campeão FC Porto ser derrotado, sem apelo nem agravo, no terreno do Rio Ave (3-1). A unir os dois resultados, além de os adversários terem disputado na época anterior a II Liga, emerge uma realidade comum aos dois rivais: Sporting e FC Porto perderam peças-chave no mercado e os reforços que chegaram não conseguem preencher, pelo menos para já, essas lacunas. Se de Alvalade saíram três titulares (Palhinha, Matheus Nunes e Sarabia), no FC Porto a ferida abriu-se sobretudo com a transferência de Vitinha, que era o dínamo do meio campo, a que se somaram as partidas de Fábio Vieira (não sendo titular indiscutível, teve ainda assim bastante preponderância na época passada) e Francisco Conceição (um 'abre-latas' lançado muitas vezes em campo pelo pai e treinador do clube, Sérgio Conceição, quando era preciso um rasgo individual e velocidade para desbloquear um jogo). Os adeptos (e os treinadores) podem não gostar, mas esta é a realidade financeira do futebol português: formar para vender; tentar comprar barato para fazer crescer os jogadores e os transferir por um valor maior. Umas vezes acerta-se, outras nem por isso.

2.ª

O champanhe de João Lourenço

A Comissão Nacional Eleitoral de Angola comunicou segunda-feira os resultados das eleições e anunciou a vitória do MPLA, do presidente João Lourenço, que terá arrecadado 51,17% dos votos (124 deputados), contra 43,95% da UNITA (90 deputados), num ato eleitoral em que votaram 14,4 milhões de pessoas (44,82% dos eleitores). O resultado é contestado pela UNITA. O MPLA, que exerce sem interrupções o poder em Angola desde 1975, perdeu votos (em 2017 tinha conseguido 61%) e foi derrotado na capital, Luanda, onde, como escreveu o jornalista Pedro Cruz no DN, se concentra a maioria da população, sobretudo os jovens, que através do voto deram sinal do seu desejo de mudança. João Lourenço, no entanto, não teve dúvidas em falar numa "vitória inequívoca". E abriu o champanhe: "Não tivemos os piores resultados porque ganhámos. Se nós tivemos os piores resultados, que dirá a oposição, que perdeu, que perdeu cinco eleições... Nós ganhamos o penta e quem ganha o penta só tem razões para abrir, no mínimo, cinco garrafas de champanhe."

3.ª

Marta Temido sai... para ficar tudo na mesma

No dia em que morreu Mikhail Gorbachev, Portugal acordou com a notícia da demissão de Marta Temido. A morte de uma grávida por paragem cardiorrespiratória no momento em que era transferida de hospital, que os médicos de Santa Maria descreveram como "um acontecimento totalmente inesperado", mas que ainda será investigada, terá sido a "gota de água", como admitiu o próprio António Costa, para a ministra da Saúde querer sair (ainda que vá ter de se aguentar no cargo mais 15 dias...). A governante, que no momento de maior popularidade, durante o combate à pandemia, chegou a ser apontada como candidata à sucessão de Costa no PS, não resistiu a uma sucessão de polémicas no setor (fim das PPP, greves, caos nas urgências, milhares de pedidos de escusa de responsabilidade de médicos e enfermeiros, etc.). Tão-pouco resistiu à contestação política e dos profissionais de saúde, que foi ganhando volume no pós-pandemia, à medida que o SNS dava mais e mais sinais de perda de recursos e qualidade na resposta aos utentes. Acontecimentos que, no entanto, não parecem causar no primeiro-ministro a mínima vontade de corrigir o rumo na saúde, a julgar pelo que disse ao país após a saída de Temido. "Quem quer mudanças de políticas tem de derrubar o governo." Muda-se um ministro para ficar tudo igual. O 'chapéu de chuva' da maioria absoluta é tão grande que chega a tapar a visão.

Guerra dura há mais de seis meses. A Ucrânia lançou uma contraofensiva para tentar retomar o controlo da região de Kherson, no Sul do país.

ANATOLII STEPANOV / AFP

Draxler na Luz. Benfica recebeu, emprestado pelo Paris SG, um campeão do Mundo.

Campanha de outono estima vacinar 280 mil pessoas por semana.

DIANA QUINTELA/GLOBAL IMAGENS

LUÍSA NHANTUMBO/LUSA

BENFICA

MARIO CRUZ/LUSA

O MPLA de João Lourenço voltou a ganhar as eleições em Angola. Mas na capital, Luanda, foi a UNITA a força mais votada.

4.ª

UE aperta regras para vistos a cidadãos russos

Com a Ucrânia empenhada numa contraofensiva para retomar o controlo da região de Kherson, dando pleno uso a mais um pacote de ajuda militar fornecido pelos Estados Unidos (os norte-americanos já forneceram ao país mais de 10 mil milhões de euros desde que Joe Biden tomou posse, em janeiro de 2021), Zelensky conseguiu uma vitória diplomática, pelo menos parcial, ao ver satisfeito um pedido que havia reiterado várias vezes à União Europeia. Em Praga, os chefes da diplomacia da UE alcançaram um compromisso que determina o fim de um acordo com a Rússia, celebrado em 2007, que facilitava a concessão de vistos aos cidadãos daquele país. Não se avança para a total proibição de vistos, como defendiam alguns países vizinhos da Rússia mais expostos a riscos de segurança, mas a malha para os conceder passa a ser mais apertada. "Não queremos isolar-nos daqueles russos que são contra a guerra", explicou Josep Borrell, líder da diplomacia da UE, sem deixar de acrescentar: "Temos assistido a inúmeros russos a viajar por lazer e para fazer compras, como se não houvesse uma guerra na Ucrânia. A UE não podia continuar como se nada fosse."

5.ª

Benfica faz a revolução e domina o mercado

O mercado de transferências chegou ao fim e a prometida revolução no plantel do Benfica teve mesmo lugar. Com novo treinador e um arranque de época invicto (nove jogos, nove vitórias), o clube da Luz manteve-se ativo até ao fim do prazo, tendo assegurado na ponta final o seu reforço mais sonante, Draxler, campeão do Mundo pela Alemanha, emprestado pelo PSG, e ainda mais um central (o norte-americano Brooks, para colmatar a lesão de Morato). A extensa lista de reforços do Benfica – na qual se destacam ainda o brasileiro David Neres e o argentino Enzo Fernández, que entraram direto para o onze, mas onde não consta o tão desejado Ricardo Horta – custou cerca de 62 milhões de euros (menos do que o clube encaixou só com a venda de Darwin ao Liverpool e aproximadamente metade do que contabilizou com todas as saídas do plantel – 128 milhões). Já o campeão FC Porto investiu cerca de 48,5 milhões em reforços (amealhou 86 milhões), mais de metade (33 milhões) em dois jogadores que ainda não fizeram um só jogo como titulares. A compra de David Carmo ao Braga, por 20 milhões, tornou-se o negócio mais caro de sempre entre clubes portugueses, mas nos dragões quem tem jogado no centro da defesa são dois veteranos – Pepe e Marcano – que somam em conjunto 74 anos... Verón, ainda muito jovem (19 anos), custou 13 milhões e, até agora, foi suplente utilizado em cinco jogos. Em relação ao Sporting, chegou aos 120 milhões em vendas, tendo gasto 42 milhões em reforços. Um saldo muito positivo do ponto de vista financeiro, mas que, em função das importantes saídas do plantel, deixou o treinador Rúben Amorim a queixar-se de falta de planeamento.

6.ª

Vacinar três milhões em três meses é a meta

Arranca já na quarta-feira uma nova campanha de vacinação contra a covid-19 e a gripe sazonal, sendo que já serão aplicadas vacinas adaptadas à variante Ómicron (na próxima semana Portugal receberá 600 mil doses da Pfizer e da Moderna, as duas já aprovadas pela Agência Europeia do Medicamento). O coronel Penha Gonçalves mantém-se como coordenador desta operação e traçou como meta vacinar cerca de três milhões de pessoas até 17 de dezembro, a um ritmo de 280 mil por semana, começando pelos grupos mais vulneráveis. O foco da campanha de outono será os maiores de 60 anos e grupos de risco. O último relatório da Direção-Geral dqa Saúde sobre a evolução da pandemia em Portugal, publicado ontem e que analisa o período compreendido entre 23 e 29 de agosto, refere que o R(t) – índice de transmissiblidade – "apresentou um valor acima de 1 a nível nacional e na maioria das regiões, o que indica uma tendência crescente de novos casos" (foram 18.467 nesta semana). 93% da população tem o esquema vacinal completo, 66% já recebeu uma dose de reforço e 4% duas doses.

JUSTIÇA

CP condenada a pagar 1,6 milhões a jovem colhida por comboio

RESPONSABILIDADE Joana ficou sem uma perna em 2008, quando ao tentar entrar no Sud Express em andamento caiu e foi colhida. A CP recusou sempre qualquer responsabilidade pelo acidente. Quinta-feira, o Tribunal Administrativo de Lisboa arbitrou uma indemnização recorde, fundada na negligência do revisor e no facto de o comboio ter arrancado de portas abertas.

TEXTO **FERNANDA CÂNCIO**

A 5 de julho de 2008, pouco depois das 16 horas, o Sud-Express com destino a Hendaia, França, arrancou com as portas abertas. Se o comboio efetuou ou não um apito de "pré-aviso" aos passageiros para embarcar é matéria de desacordo– mas alguns dos que, munidos de bilhete, esperavam no cais por esse aviso garantem que não. Vendo as portas abertas, deram uma corrida para entrar. Todos conseguiram menos a lisboeta Joana Reais, 22 anos: agarrou o corrimão da porta mas nesse momento o comboio, conta, deu um solavanco. Desequilibrou-se e caiu para a linha, sendo atropelada. Em resultado, sofreu amputação de uma perna e ficou com o outro pé esfacelado.

Depois de tentar, sem sucesso, que a CP assumisse a sua responsabilidade no acidente, Joana acabou por, em 2011, intentar uma ação contra a empresa no Tribunal Administrativo. O primeiro pedido de indemnização, efetuado pelo seu anterior advogado, era de pouco mais de 600 mil euros. O processo arrastou-se por mais de uma década, sem que quer a acidentada quer as testemunhas fossem ouvidas; o despacho saneador, no qual o juiz en-

No dia do acidente, Joana dirigia-se ao Conservatório de Amesterdão, onde ia estudar. "Era uma grande valorização do meu sonho de ser cantora, uma oportunidade incrível que ia mudar a minha vida." Quando caiu, pensou "já não vou hoje, só amanhã."

carregado do caso estabelece o que dá como assente e as questões a que o julgamento deve responder, só surgiria em 2013; oito anos passaram até que o julgamento foi, finalmente, marcado para julho de 2021, altura em que Joana decidiu mudar de representação. A atual advogada, Rita Duarte, aumentou o pedido de indemnização para 1918 551,50 euros. Adiado, o julgamento teve lugar em maio de 2022.

Da CP, que na sua contestação imputa a Joana toda a responsabilidade pelo acidente, chegaram, nestes 14 anos, apenas duas propostas de acordo, no mesmo dia de 2021: uma no valor de cinco mil euros, outra de 300 mil. Ambas muito abaixo da franquia de um milhão de euros do seguro de responsabilidade civil que a empresa possui desde o início de 2008, e que não chegou sequer a acionar neste caso. Por, disse ao DN, considerar que "os factos apurados permitiram concluir que o acidente se ficou a dever a culpa exclusiva da vítima."

Mas a juíza Anabela Brito Duarte, do Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa, teve entendimento diametralmente oposto: em sentença datada de 31 de agosto decidiu atribuir a Joana 1615 450,90 euros, considerando que a responsabilidade exclusiva do acidente em causa é da empresa, por "funcionamento anormal do serviço".

O total divide-se em danos patrimoniais, no montante de 25.680,00 euros, 200.000,00 euros para danos não patrimoniais e 1.415.650,90 euros a título de danos futuros. A CP foi também condenada em custas.

Trata-se de uma das indemnizações mais elevadas alguma vez arbitradas pelos tribunais portugueses num caso de acidente/negligência .

"É do senso comum que qualquer transporte público não pode circular de portas abertas"

A decisão, passível de recurso, e à qual o DN teve acesso, considera que dois funcionários da CP (incluindo o revisor de serviço ao comboio, que deu o sinal de partida), sobre os quais recaía a responsabilidade de certificar que o comboio partia em segurança, violaram o dever de cuidado a que estavam obrigados. Mas o principal fundamento da condenação reside no facto de as composições terem iniciado a marcha de portas abertas, "convidando assim os passageiros a entrar". O que, para o tribunal, consubstancia "a violação do dever objetivo de cuidado e o dever de segurança que a Ré [CP] estava obrigada a garantir aos seus passageiros."

Isto porque, afirma a sentença, "é do senso comum que qualquer transporte público, seja ele qual for, não pode circular de portas abertas, devendo as mesmas fechar antes do início da marcha. Ao iniciar a marcha com as portas abertas sujeitou os seus passageiros, dentro e fora da composição, a uma situação de perigo (...)." Este perigo, prossegue a decisão, "evoluiu para uma situação de risco, em tudo evitável se as portas não estivessem abertas, e não possibilitassem a entrada na carruagem por quem ainda se encontrava na plataforma. não obstante a sua marcha lenta."

Referindo que a CP levou a tribunal uma testemunha, Paulo Jorge Dias Ferrão (engenheiro mecânico da empresa), para certificar que a circulação de carruagens de portas abertas "não infringe qualquer normativo técnico", a sentença verbera a empresa pelo facto: "Uma coisa são os normativos técnico/construtivos ligados ao funcionamento das carruagens e composição, outra coisa é a responsabilidade que emana da sua utilização em função dos deveres de cuidado e segurança decorrentes do seu efetivo funcionamento, a que o operador está obrigado a cumprir. (...) A Ré no exercício das suas funções públicas, e por causa desse exercício, tinha o dever de detetar e suprir eventuais riscos e perigos óbvios para os seus utentes/passageiros, desde o ato de entrada nas suas carruagens, até à saída no local de destino (...). Dever este que não coaduna com o facto de ainda hoje (2022) circularem nas linhas de ferro portuguesas carruagens sem maquinismo de fecho automático de portas, dependentes de um mecanismo arcaico de fecho de portas dependente do sistema alicerçado no peso da carruagem mais velocidade mais existência de agulhas na linha férrea."

A magistrada refere-se ao mecanismo explicado pelo citado engenheiro, e que colocou na matéria provada, na qual descreve os pormenores técnicos: "A composição era formada por algumas carruagens sem automatismo de fecho automático de portas"; "as portas de acesso às carruagens sem automatismo de fecho têm que ser abertas por quem entra"; "as portas sem automatismo de fecho automático possuem uma solução construtiva que permite que as mesmas fechem rapidamente pela conjugação dos seguintes fatores: peso da porta, a movimentação do comboio e passagem por agulhas da linha"; "basta passar por uma agulha para que a porta feche"; "a passagem pelas agulhas pode gerar um solavanco"; "se a porta não fechar através desta solução construtiva e se ninguém a fechar manualmente, a carruagem circula com as portas abertas toda a viagem."

O principal fundamento da condenação reside no facto de o Sud-Express ter iniciado a marcha de portas abertas, "convidando os passageiros a entrar", numa violação do dever de segurança que a Ré [CP] estava obrigada a garantir aos seus passageiros."

Joana em criança, muitos anos antes do encontro com o Sud Express.

Testemunhas desmentem CP

Na contestação apresentada ao tribunal, a CP asseverava que tinham sido feitos dois avisos de partida do Sud-Express, um dos quais "cerca de 2 minutos e meio antes" da partida. E também que "à hora da partida o operador de revisão e venda em serviço no comboio certificou-se de que não havia passageiros a entrar e a sair", dando "sinal de serviço concluído ao maquinista. Este por sua vez efetuou o sinal sonoro pondo-se em marcha de seguida."

Assim, concluía a empresa que "o acidente em causa" se ficara a dever, "unicamente, à manifesta incúria e inconsideração" de Joana, pelo que lhe cabia "a exclusiva culpa na respetiva produção"; acusando-a até de ter sido "a única pessoa que tentou entrar na composição já com esta em andamento", "revelando imprudência e desconsideração total pelo perigo que representa tentar entrar num comboio nestas condições."

Porém o tribunal valorou como verdadeiros os testemunhos de dois bascos de nacionalidade espanhola, Josu Eizagirre Barco, Ugaitz Iturbe Hermoso de Mondoza, que atestaram ter entrado naquele comboio em andamento – como já tinham dito em entrevista ao DN em novembro de 2021, numa reportagem sobre este caso –, assim como de outras pessoas, incluindo, além do então namorado de Joana e da sua melhor amiga, o italiano Angelo Ferrara (amigo de Ugaitz e igualmente ouvido pelo DN), que se encontravam em Santa Apolónia para se despedirem dos viajantes.

Acresce que, apesar de lembrar que o decreto-lei nº 58/2008, de 26 de março, determina ser "proibido aos passageiros, entre outros, entrar ou sair da carruagem quando esta esteja em movimento, ou depois do sinal sonoro que anuncia o fecho das portas ou sempre que, por aviso sonoro ou equivalente, tal seja determinado", a sentença não vê "concurso de culpas", ou seja, não atribui a Joana qualquer responsabilidade no acidente do qual foi vítima.

E explica porquê: "Da interpretação que fazemos daquela norma (...), a primeira proibição de entrar ou sair da carruagem quando esta esteja em movimento, refere-se às situações em que estando a carruagem de portas fechadas o passageiro as abra, para entrar ou sair da carruagem", ou "depois do sinal sonoro que anuncia o fecho das portas ou sempre que, por aviso sonoro ou equivalente, tal seja determinado."

Considerando que a primeira proibição não se aplica porque o comboio tinha as portas abertas, o tribunal crê que a segunda também não, porque depende da audição do sinal sonoro – "e no caso ficou demonstrado não ter sido audível."

E prossegue: "Temos que distinguir as situações em que o comboio se encontra em andamento e os passageiros abrem as portas para entrarem, das situações, como a dos autos, em que os passageiros entram no comboio, devido ao facto de a carruagem continuar de porta aberta não obstante o comboio se encontrar um movimento lento. Neste caso não existe ação voluntária por parte dos passageiros para abrirem as carruagens. As mesmas encontram-se abertas e acessíveis, pelo seu andamento lento. Neste caso, a conduta da Autora [Joana Reais] não só é compreensível, como não é censurável, porquanto a oportunidade de entrada na carruagem foi criada pela Ré."

Revisor condenado por dar sinal de partida com passageira a desembarcar

É a própria CP a certificar ao DN - no âmbito da citada reportagem publicada em novembro de 2021– que os comboios não podem arrancar de portas abertas: "Do ponto de vista regulamentar, o revisor tem de se assegurar que as portas se encontram fechadas antes de dar indicação ao maqui-

nista para iniciar a marcha" e que "o serviço de passageiros se encontra concluído (todos desembarcaram/embarcaram)."

Mas o acidente com Joana está longe de ser o primeiro a dever-se ao facto de os comboios arrancarem ou circularem com portas abertas e permitirem a abertura de portas em andamento ou quando as composições estão fora das estações.

Este ano foi julgado um outro caso envolvendo um comboio da CP – um Intercidades Faro-Lisboa – que a 4 de dezembro de 2013, na estação lisboeta de Sete-Rios, arrancou de porta aberta, quando uma passageira, Alcenira Claudiana de Oliveira, tentava sair da carruagem na qual viajava. Tendo caído, Alcenira, 51 anos, cidadã brasileira que se encontrava de férias em Portugal, foi atropelada, ficando sem ambas as pernas.

Estava em causa a responsabilidade criminal do revisor do comboio, que foi condenado, em sentença de 24 de maio de 2022, por um crime de ofensa à integridade física por negligência agravada, na pena de um ano e seis meses, suspensa na sua execução pelo período de dois anos.

O motivo da condenação foi precisamente o mesmo comportamento que a sentença do caso de Joana Reais atribui ao revisor do Sud Express e ao outro funcionário da CP que estava no cais com a alegada incumbência de se certificar que não havia ninguém a tentar entrar no comboio quando este entrasse em andamento: ter dado o sinal de início de marcha ao maquinista sem se ter previamente assegurado de que não havia passageiros a entrar ou a sair.

"Ao agir do modo descrito, a arguido não observou as precauções exigidas pela mais elementar prudência e cuidado que era capaz de adotar e que devia ter adotado para impedir a verificação de um resultado que, de igual forma, podia e devia prever, mas que não previu, causando as lesões sofridas pela assistente."

O processo cível relativo a este caso, no qual é pedida à CP (que mais uma vez atribui à vítima do acidente toda a responsabilidade) uma indemnização de 1 057 201,76 euros, corre à parte, não existindo ainda data marcada para o julgamento. Alcenira, hoje com 57 anos, subsiste com enormes dificuldades.

Os diferentes foros em que correm os processos de Joana (Tribunal Administrativo) e Alcenira (Tribunal Criminal e Tribunal Cível) prendem-se com entendimentos diversos, na justiça, sobre qual o foro adequado para demandar a CP. Se o primeiro advogado de Joana considerou que devia seguir a via da ação administrativa, não tentando sequer

Alcenira de Oliveira antes e depois do acidente que a vitimou em 2013, na estação de Sete-Rios. O revisor do comboio foi condenado em maio, por ofensa à integridade física por negligência agravada. Alcenira pede uma indemnização de um milhão de euros à CP.

imputar responsabilidades criminais, os advogados de Alcenira, Joaquim Cardoso dos Santos e Paulo Tavares Santos, optaram pelos tribunais comuns. Porém o juiz ao qual o processo foi distribuído achou que a ação deveria correr no tribunal administrativo (por a CP ser uma empresa da órbita do Estado) e recusou-a; foi feito pelos representantes da cidadã brasileira recurso dessa decisão para a Relação, que a 25 de junho de 2019 lhes deu razão.

CP acusada de incúria; regulador diz que cabe à empresa "avaliar o risco"

Curiosamente a CP foi também este ano acusada de "incúria" num relatório do Gabinete de Prevenção e Investigação de Acidentes com Aeronaves e Acidentes Ferroviários (GPIAAF), o organismo independente criado em 2007 para investigar "acidentes graves", a propósito da morte, a 23 de janeiro de 2020, de um professor universitário de Coimbra. que saiu de um comboio quando este estava fora da estação e foi colhido por outra composição.

De acordo com o relatado, o sistema sonoro do comboio em que viajava o dito académico com a mulher anunciou a paragem na estação Coimbra-B, mas na verdade a paragem ocorreu longe da estação. O casal abriu a porta e saiu, tendo o homem sido colhido por um Alfa Pendular que passou naquele momento.

> "A Ré no exercício das suas funções públicas (tinha o dever de detetar e suprir eventuais riscos e perigos óbvios para os seus utentes/passageiros. (Dever que não se coaduna com o facto de ainda hoje circularem nas linhas de ferro portuguesas carruagens sem maquinismo de fecho automático de portas."

O GPIAAF, apesar de atribuir o acidente a "uma sequência de erros dos passageiros", concluiu que "o sistema técnico existente nas carruagens utilizadas nos comboios Intercidades não impede a abertura das portas com velocidades do comboio abaixo dos cinco quilómetros/hora", e que, sabendo a CP que as portas das carruagens abrem em locais indevidos, não levou a cabo uma "análise de risco" nem implementou mecanismos para impedir que essa situação ocorra.

Já num relatório anterior, relativo a um acidente ocorrido em 2014 com um passageiro com limitações visuais e cognitivas que caiu à linha porque o comboio em que viajava parou fora da plataforma e as portas não estavam trancadas, este gabinete se tinha debruçado sobre a questão da segurança na abertura e fecho de portas nos comboios. E recomendara que o Instituto da Mobilidade e Transportes Terrestres (IMT), "enquanto entidade reguladora, garanta que a CP implemente um procedimento operacional para que a abertura de portas apenas seja permitida depois da confirmação de estarem reunidas as condições de segurança para o efeito."

Questionado pelo DN em 2021 sobre se emitiu alguma orientação neste sentido, o IMT disse que "tem acompanhado este assunto com a CP no sentido de adaptar estas soluções tecnológicas à frota atual da CP".

Frisando que "esses requisitos tecnológicas " - o impedimento de abertura de portas em andamento ou a manutenção de portas abertas quando os comboios arrancam - "não se aplicam de forma obrigatória", este instituto afirma ser "responsabilidade das empresas analisar o risco inerente e adotar, no âmbito do seu Sistema de Gestão de Segurança, as medidas complementares necessárias à operação em segurança."

Nem o acidente de Joana Reais nem o de Alcenira de Oliveira foram analisados pelo GPIAAF.

fernandacanciodnl@gmail.com

ESTELA SILVA/LUSA

Luís Montenegro numa visita à AgroSemana – Feira Agrícola do Norte, na Póvoa de Varzim, onde acusou o governo de usar a União Europeia como "desculpa" para não baixar a taxa de IVA da energia.

"Cada país toma a decisão que entender." PSD pressiona para IVA mínimo na energia

INFLAÇÃO PSD apresentou pacote de propostas para mitigar o impacto do aumento dos preços e desafia o governo a baixar a taxa de IVA na energia para os 6% e a não dar a UE como "desculpa".

TEXTO **SUSETE FRANCISCO**

O PSD insistiu ontem que as instituições europeias não colocam nenhum entrave à descida do IVA na energia, defendendo a "redução imediata" para a taxa mínima de 6% nos combustíveis, eletricidade e gás. Um decréscimo para vigorar "pelo período inicial de seis meses", automaticamente renovável se no final desse período se mantiver o aumento dos preços.

Esta é uma das principais medidas do programa de emergência social, no valor de 1,5 mil milhões de euros, avançado ontem pelos sociais-democratas. "O governo e o primeiro-ministro enganaram os portugueses durante estes seis meses ao dizerem que não era possível baixar o IVA dos combustíveis, da eletricidade e do gás", acusou ontem o líder parlamentar social-democrata, Joaquim Miranda Sarmento, sustentando que "não é compreensível como é que o governo ainda não reduziu a taxa de IVA da energia. Vários países já o fizeram, apesar de não haver uma decisão formal da Comissão Europeia". Também o líder do partido, Luís Montenegro, diria depois que o alegado entrave das instâncias europeias não é mais do que uma "desculpa" para não avançar com a medida.

O governo apresenta na próxima segunda-feira um conjunto de medidas de apoio às famílias para atenuar o impacto do aumento da inflação, não se sabendo, para já, se o pacote inclui a redução do IVA do gás ou da eletricidade. Se não incluir, esta será seguramente uma das principais frentes de crítica a António Costa. Se o governo incluir esta medida no pacote de dois mil milhões de euros que está a preparar, o discurso dos sociais-democratas também está definido: o PSD "não se importa" se o Executivo for "a reboque" das medidas apresentadas pelo PSD, sublinhou ontem Montenegro.

Além da descida do IVA na energia, o PSD propõe a redução das taxas de IRS no quarto, quinto e sexto escalões, bem como uma verba mensal adicional de 10 euros às crianças e jovens que recebem o abono de família, medida que deverá vigorar até dezembro. Outra das propostas passa pela atribuição de um vale alimentar de 40 euros mensais a todos os pensionistas e reformados que recebam até 1108 euros, a atribuir a partir de setembro e até final do ano. O mesmo vale deverá ser atribuído aos cidadãos em vida ativa e que auferem rendimentos até ao terceiro escalão de IRS.

Conhecida a proposta, o PS não tardou a reagir a esta medida em particular pela voz do líder parlamentar. À Lusa, Eurico Brilhante Dias defendeu que "a ideia de um vale alimentar é uma ideia ultrapassada, de um paternalismo para com os portugueses que uma cidadania adulta não pode admitir e muito menos um partido progressista como é o PS. É uma espécie de caridadezinha que é o oposto da ideia de solidariedade social que temos", criticou o dirigente socialista.

"Sinais de degradação altamente preocupantes"

A troca de críticas entre os socialistas e o maior partido da oposição em torno dos apoios do Estado para mitigar o impacto da inflação promete manter-se pelas próximas semanas. Apresentado sob a forma de um projeto de resolução que Miranda Sarmento quer ver discutido e votado no Parlamento o "mais brevemente possível", o pacote de medidas deverá também marcar o discurso de Luís Montenegro, amanhã, no encerramento da Universidade de Verão do PSD. Por onde passou, esta sexta-feira, Paulo Rangel, que não poupou nas críticas ao desempenho do governo de António Costa, que disse estar "à beira da falência".

Numa aula dedicada ao tema "A caminho de uma nova Europa", o vice-presidente social-democrata referiu que "os sinais de degradação do governo são altamente preocupantes", sendo prova disso a demissão da ministra da Saúde, Marta Temido, conhecida no início da semana. "As listas de espera da saúde passaram para o governo, vamos estar 15 dias à espera de um novo ministro. Isto é a degradação política levada ao limite, um primeiro-ministro que não é capaz de nomear um ministro em tempo útil é um primeiro-ministro que está esgotado", acusou o também eurodeputado, citado pela Lusa.

susete.francisco@dn.pt

"O governo e o primeiro-ministro enganaram os portugueses durante estes seis meses ao dizer que não era possível baixar o IVA dos combustíveis, da eletricidade e do gás."

Joaquim Miranda Sarmento
Líder parlamentar do PSD

"É uma espécie de caridadezinha. (...) A ideia de um vale alimentar é uma ideia ultrapassada, de um paternalismo para com os portugueses que uma cidadania adulta não pode admitir."

Eurico Brilhante Dias
Líder parlamentar do PS

"As listas de espera da saúde passaram para o governo, vamos estar 15 dias à espera de um novo ministro. Isto é a degradação política levada ao limite."

Paulo Rangel
Vice-presidente do PSD

Nuno Villa-Lobos
"É preciso acabar com o faroeste na arbitragem *ad hoc*"

JUSTIÇA Presidente do CAAD descola a instituição que lidera do regime regular, garante que fusão de tribunais administrativos e fiscais nos comuns teria mau resultado e aponta emprego público como prioridade no novo ano judicial.

ENTREVISTA **JOANA PETIZ** FOTOGRAFIA **LEONARDO NEGRÃO/GI**

À frente do Centro de Arbitragem Administrativa (CAAD), Nuno Villa-Lobos tem sido o maior crítico da arbitragem *ad hoc*, que demasiadas vezes se confunde com a atividade do CAAD, mas cujos métodos e práticas, garante, são radicalmente distintos. E por isso defende que, mais do que separar as águas, se devia acabar com o regime *ad hoc*. Ao DN explica ainda por que a sugestão de acabar com os tribunais administrativos e fiscais resultaria em perda de especialização e potenciaria os enormes atrasos na justiça.

A lentidão da justiça administrativa tem sido apontada como o problema mais urgente e grave da justiça portuguesa. Uma das propostas de reforma apresentadas esta semana pela SEDES – Associação para o Desenvolvimento Económico e Social para esta área defende a integração dos tribunais administrativos e fiscais nos tribunais comuns. Acha que só isso pode resolver o problema de vez?

Primeiro, um elogio à SEDES: pensar a justiça é fundamental. Costuma dizer-se que não se deve deixar a guerra apenas aos generais, isto é, apenas aos especialistas. E o contributo profissional da SEDES, controverso e muito discutível nalguns casos, contribui para um debate que julgo ser absolutamente crítico para o nosso país. Dito isto, o pior que podia acontecer era uma medida desta natureza cair de paraquedas numa eventual revisão da Constituição.

Então, os caminhos apontados não servem?

O trabalho da SEDES deve servir para aprofundarmos o debate, não para o esgotar imediatamente. Repare, eu digo isto porque há de facto o risco de, já nesta sessão legislativa, avançar uma revolução dessa dimensão sem serem medidos todos os impactos e todas as consequências. Deixe-me acrescentar mais um ponto crucial: a tal fusão é um assunto com barbas, já foi analisada em diversas ocasiões, sendo que contraria a especialização necessária para uma justiça de qualidade. E daí nunca ter avançado. Queremos mesmo terraplenar e regredir?

Ou seja, essa eventual fusão não resolve o problema.

Não só não resolve como fatalmente mataria o paciente da cura. Imagine só os atrasos gigantescos que uma redistribuição massiva de processos implicaria... Basta pensar que a origem deste problema das pendências passou pela reorganização orgânica do contencioso administrativo em 2004 e que levou a uma transferência em massa de processos para os novos tribunais, que ficaram desde o início esmagados pelas pendências. Seria como voltar a fazer a mesma coisa e esperar resultados diferentes. O problema não está na orgânica, está na falta de recursos financeiros que existe nos tribunais administrativos e fiscais para resolver os problemas.

Mas continuar a fazer a mesma coisa e esperar resultados diferentes não é o que se anda a fazer há demasiados anos?

Entendo a ironia, mas isso só seria verdade se esta jurisdição estivesse há décadas na agenda político-mediática. Não está. Além disso, as medidas tomadas pelo governo, como, por exemplo, o reforço em 27% do número de juízes, é demasiado recente – apenas de 2015 – para poder gerar efeitos estruturais positivos. Dito isto, devo até dizer que algumas decisões recentes do Ministério da Justiça têm conseguido resultados mensuráveis, com a redução da pendência na área fiscal em 25% e com taxas de resolução processual superiores a 100%. Aliás, em 2020 chegou aos 142%. Ou seja, há mais processos a serem finalizados do que a entrar.

A integração dos tribunais fiscais e administrativos nos tribunais comuns "é um tema com barbas. Já foi analisada em diversas ocasiões, sendo que contraria a especialização necessária para uma justiça de qualidade. E daí nunca ter avançado".

Mas se há menos processos entrados e mais juízes, porque é que a morosidade destes tribunais aumentou de cinco anos (58 meses) em 2018 para sete anos (75 meses) em 2021?

A razão desse aumento é simples. Desde 2018 estão a funcionar equipas excecionais de recuperação de pendências de processos entrados até 2012, pelo que, à medida que estes processos são resolvidos, é inevitável que isso se reflita no tempo médio de decisão anual para efeitos estatísticos. É contraintuitivo, sim, mas este aumento revela, na verdade, uma diminuição que será plenamente visível a prazo.

Então a recuperação dos últimos anos deveu-se ao mero aumento do número de juízes?

Também, mas não só. Além do aumento da oferta, verifica-se uma redução acentuada ao nível da procura. A pressão de litigância em matéria de impugnações fiscais tem decrescido de forma clara muito à custa da arbitragem fiscal. Usando como critério os últimos seis anos, a arbitragem fiscal impactou em menos 25% de processos entrados nos tribunais fiscais de 1.ª instância, valor que nos dois últimos anos atingiu a média de 35%. Pelo que o CAAD tornou possível o *break even* e o momento de viragem de recuperação dos tribunais fiscais, permitindo a otimização de outras medidas, suavizando o efeito de que a resolução das pendências mais antigas se esteja a consolidar à cus-

"O problema não está na orgânica, está na falta de recursos financeiros que existe nos tribunais administrativos e fiscais para resolver os problemas."

ta das pendências mais recentes.

Como vê as críticas recentes de que tem sido alvo a arbitragem?

Penso que existem diferentes motivações – algumas delas assumidamente corporativas – para algumas das críticas que nos são dirigidas. Mas a grande motivação tem na base um erro elementar. O CAAD é posto no mesmo saco da arbitragem *ad hoc*, que vive num planeta muito distante do nosso, um planeta, digamos, com menos luz solar. Chegados aqui, tenho o dever de ser totalmente claro: partilhamos parte do nome mas quase nenhuma das práticas da arbitragem *ad hoc*.

Quais são as maiores diferenças?

No CAAD, seja fiscal ou administrativo, tudo é público e transparente, estamos ligados ao Tribunal de Contas, à PGR e ao DCIAP. Veja bem que até o calendário das audiências é publicado no nosso *site* para quem quiser assistir, temos regras procedimentais estritas, incompatibilidades escrutinadas e escrutináveis. Atenção, não são sete diferenças, como naquele velho jogo, são dezenas de aspetos que nos singularizam pela positiva e que contrastam com todos aqueles processos milionários de contratação pública que fazem a fortuna e a reputação da arbitragem *ad hoc*. Penso que mais cedo do que mais tarde o legislador terá de acabar com aquele faroeste. Até lá, pagaremos o preço desta lamentável confusão.

E o que se pode fazer em relação a isso?

Vou ser imodesto: é seguir a receita da arbitragem fiscal. Ou seja, aprovar uma lei com 30 artigos só para a arbitragem administrativa e afastá-la do regime da arbitragem comum; acabar com a esquizofrenia atual de ser mais fácil resolver grandes litígios de parcerias público-privadas (PPP) do que um litígio de mil euros de emprego público.

Para terminar, qual a prioridade do CAAD para a abertura do ano judicial?

É o emprego público. E trata-se de sensibilizar a ministra da Justiça para desbloquear a limitação até hoje existente de algumas carreiras, por exemplo da investigação criminal da Polícia Judiciária, poderem aqui resolver os seus litígios em três meses e cinco vezes abaixo do valor (custo) dos tribunais do Estado.

joana.petiz@dn.pt

Mesquita Nunes "volta" ao CDS e acusa Temido de "cavar ainda mais sepultura do SNS"

ATAQUE Acusando a ministra demissionária de "obsessão ideológica", o ex-militante do CDS disse que "ninguém fez tanto pela degradação" da Saúde.

De volta a uma iniciativa do CDS-PP, quase um ano depois de se ter demitido do partido em rutura com o então líder, Francisco Rodrigues dos Santos, Adolfo Mesquita Nunes considerou ontem, em Espinho que, com a sua "obsessão ideológica", a ministra cessante Marta Temido conseguiu "cavar ainda mais" a sepultura do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

Falando na "Escola de Quadros" do partido – iniciativa equivalente à "Universidade de Verão" do PSD ou à "Academia Socialista" do PS –, Mesquita Nunes considerou que "os piores obreiros do SNS são aqueles que não querem reformá-lo". "Ninguém fez tanto em Portugal [pela degradação da Saúde] como esta ministra, que, com a sua obsessão ideológica, tudo o que fez foi cavar ainda mais o SNS", declarou.

À semelhança do deputado socialista Sérgio Sousa Pinto, que, enquanto convidado para o mesmo painel, defendera pouco antes que o SNS precisa de uma reforma que não se tem concretizado devido às "teias de aranha que estorvam o sótão mental" dos seus gestores, também Adolfo Mesquita Nunes apoiou a necessidade de novos formatos de gestão nesse setor do Estado.

Um e outro admitem que a solução não passará necessariamente por um modelo misto ao estilo das parcerias público-privadas, mas implicará, por certo, uma aprendizagem mútua. "A questão não é se a gestão é pública ou privada – o que há a fazer é mitigar as condicionantes do setor público aproveitando, quando compatível, o melhor da gestão privada", explicou o antigo militante e dirigente centrista (e até antigo secretário de Estado, no caso do Turismo, durante o governo de Pedro Passos Coelho).

Para o ex-governante, aquilo a que se assistiu no país foi "uma regressão, no sentido de se dizer, maniqueísticamente, que os privados não podem ter um papel relevante na Saúde, que só podem tê-lo quando o Estado não chegar lá – e o problema é que o Estado não chega lá". "Há muita gente da classe média-alta que vai para o Twitter dizer que está muito satisfeita com o SNS. Pois está, porque conhece não sei quantos médicos. Quem tem contactos, pode ter boas experiências. Mas quem, como na Covilhã, está dois anos à espera de uma consulta de oftalmologia não vai dizer que lhe correu bem."

Apelando a que a Esquerda deixe de se limitar à "discussão da dicotomia público-privado" e a que a Direita deixe de "comprar essa conversa em vez de debater soluções concretas", Adolfo Mesquita Nunes concluiu: "O que a maior parte das pessoas quer saber é como chegam ao hospital e ver a sua vida resolvida".

Segunda-feira, o presidente do CDS, Nuno Melo, fará o seu discurso de rentrée, numa festa do partido na Madeira. **LUSA**

TONY DIAS/GLOBAL IMAGENS

Adolfo Mesquita Nunes, ex-dirigente e militante do CDS-PP

Opinião
Luís Gomes

O país não precisa de mais tempo, mas de reformas

A situação dramática que o país vive ao nível dos fogos florestais tem evidenciado a ausência de medidas que apostem seriamente na prevenção. A calamidade que estamos a viver poderia evitar-se com a implementação de instrumentos que garantam o correto ordenamento do território e, em particular, o ordenamento das áreas rurais e florestais.

O governo tem descurado, irresponsavelmente, esta matéria e a prova disso é que está obrigado, desde 2015, a submeter, de dois em dois anos, à apreciação da Assembleia da República o relatório sobre o estado do ordenamento do território. Mas até ao momento nunca o fez. Esta circunstância, para além de violar o n.º 1 do artigo 189.º do Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial (DL n.º 80/2015, de 14 de maio), constitui objetivamente uma evidência de que as questões de ordenamento do território não fazem parte das principais preocupações deste Executivo. Impedir que a Assembleia da República discuta os problemas e apresente soluções para o país no que respeita a esta matéria não só significa a ausência de uma visão estruturada e devidamente planeada para o território, como também se abdica da discussão sobre a forma como os diversos planos estão, ou não, alinhados com a política económica.

A primeira consequência da falta de ordenamento está à vista de todos nós: o flagelo dos fogos florestais que este ano nos assolaram em força é o resultado da ausência de políticas de ordenamento do espaço rural e, mais concretamente, das áreas florestais. A segunda consequência é a existência de um crónico, que não me canso de assinalar, entre a política económica e o ordenamento do território. Como resultado temos um cemitério de estratégias e de políticas cuja concretização nunca foi possível assegurar. Não é por acaso que recentemente o primeiro-ministro anunciou que iria pedir a Bruxelas a prorrogação do prazo para concretizar o PRR. Esta circunstância constitui a prova cabal de que o país não está preparado para implementar com eficácia os seus programas de desenvolvimento económico, que falta uma reforma na arquitetura legislativa do território que garanta uma resposta eficaz e, fundamentalmente, carecemos de um governo que disponha de uma leitura sistemática da organização do nosso país.

Portanto, a questão que aqui se traz não se reduz ao facto de não se ter entregado um relatório na Assembleia da República, apesar do mau exemplo que isso constitui para o país. Também não se trata de se ter violado, mais uma vez, um preceito legal. A questão assenta fundamentalmente na falta de visão a médio e longo prazo. Na ausência de reformas que tenham em vista a modernização do país, que se invista no aumento da capacidade de resposta da máquina do Estado aos desafios da economia. Isto é o que, fundamentalmente, nos distingue dos demais países da União Europeia e que Portugal tem de melhorar.

António Costa, ao pedir a Bruxelas que prolongue o calendário para a aplicação do PRR, consciente ou inconscientemente, identificou a doença do país. A questão é saber se vai tratar o país desta doença crónica que se caracteriza por uma máquina do Estado excessivamente pesada e que tem impedido todos aqueles que querem investir em Portugal de concretizarem as suas ambições.

Vice-Presidente do Grupo Parlamentar do PSD.

A falar com jovens, Metsola apela a "políticas mais efetivas e coerentes"

ENCONTRO Penúltima ação da visita da presidente do Parlamento Europeu foi no Jardim da Estrela. Falou perante jovens e voltou a vincar: "Portugal é o Estado-membro mais pró-europeu."

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Os canapés, os sumos de fruta, o café e os bolinhos já estão servidos quando Roberta Metsola chega ao coreto do Jardim da Estrela para falar de políticas europeias com cerca de 40 jovens. A deslocação foi curta, porque horas antes esteve logo ali ao lado, na Assembleia da República, reunida com o presidente do Parlamento, Augusto Santos Silva, Edite Estrela (vice-presidente) e Luís Capoulas Santos (presidente da Comissão de Assuntos Europeus).

E, ao chegar ao local, jovens não faltavam pelo jardim. Casos de Fernando Ruivo, de 26 anos, e Maria Faro, que ao DN disseram ser "bastante positivo" haver iniciativas como esta. "O sítio escolhido, e mesmo o formato, acaba por beneficiar de um maior relaxamento e motiva a que haja um maior à vontade", acrescenta Maria. A adesão foi tal que o espaço do coreto acabou por se revelar pequeno para tanta gente, o que levou a que houvesse pessoas a assistir à sessão do lado de fora, sentadas em bancos, escutando a intervenção enquanto tiravam notas. Mesmo assim, para a estudante, de 23 anos, "estas iniciativas deviam ser mais divulgadas e alargadas a mais gente".

A sessão, moderada por Henrique Burnay, durou cerca de uma hora, e muitos foram os temas abordados, quase todos transversais às três rondas de perguntas que foram feitas: como aproximar a política das pessoas (e em particular dos jovens); energia e ambiente; refugiados; desigualdades no acesso e oportunidades no mercado de trabalho, e diversidade. E durante praticamente toda a duração os participantes acabaram por ir trocando impressões por entre questões feitas a Metsola e respostas dadas pela presidente do Parlamento Europeu.

O primeiro aplauso da manhã surgiu em jeito de agradecimento, pedido pelo moderador, depois de ressalvar o papel de Metsola, ao "ser uma das primeiras pessoas a ir a Kiev, ainda na fase inicial do conflito [invasão da Ucrânia pela Rússia]" – algo que no dia anterior Carlos Moedas já tinha feito, quando recebeu a responsável europeia na Câmara Municipal de Lisboa.

O burburinho na plateia chegou logo na ronda de abertura, quando um dos participantes questionou a presidente do Parlamento Europeu sobre a alegada falta de abertura pró-europeia que Portugal manifestou ao votar contra a criação de listas eleitorais transnacionais. Isto depois de, um dia antes de iniciar a visita oficial, Metsola ter assumido, numa entrevista à Lusa, que Portugal é "extremamente pró-europeu" e que pode vir a ser uma nação líder na UE. A presidente do Parlamento Europeu mantém a sua tese ("Portugal é o Estado-membro mais pró-europeu") e acrescenta outro tópico: "As pessoas votaram menos do que aquilo que gostaríamos, e esse número [de votantes] precisa de aumentar, mas isso também é minha responsabilidade. Até porque há políticas que se pensa que são apenas nacionais mas surgem de decisões tomadas a nível europeu, por rostos que foram eleitos aqui."

EUROPEAN UNION 2022 / DAINA LE LARDIC

No final da intervenção, Metsola tirou várias *selfies* e falou com jovens por breves momentos.

Segundo a líder do maior órgão político comunitário, há espaço para fazer mais a nível europeu, sobretudo no que a políticas públicas e humanistas diz respeito. "Aquilo que tento fazer é trazer os valores mais humanistas que me passaram enquanto crescia. Há leis em cima da mesa. Se são sempre aplicadas? Não. E por isso é mais fácil dizer que precisamos de mais leis ou mais dinheiro, mas não é essa a solução. Temos de ter políticas efetivas e coerentes e um mecanismo de solidariedade que funcione", considera. O que pode, portanto, a UE fazer? "Dar respostas e não se esconder atrás de burocracia. Precisamos de mostrar que haverá sempre uma solução para os problemas", considera.

Na opinião de Fernando Ruivo, "o discurso da presidente feito hoje [ontem] colocou as expectativas em alta para o Estado da União" (dia 14), porque considera que "os decisores políticos parecem estar focados e motivados em resolver alguns problemas decorrentes da guerra na Ucrânia, como o aumento do custo de vida, dos preços e da inflação".

> *"A UE tem de dar respostas e não se esconder atrás de burocracia. Precisamos de mostrar que haverá sempre uma solução para os problemas."*
> **Roberta Metsola**
> *Presidente do Parlamento Europeu*

Metsola defende intervenção conjunta nos preços

Depois das *selfies* e das despedidas no Jardim da Estrela, o programa seguiu com uma intervenção no encerramento das Conferências do Estoril *[leia mais sobre as Conferências no suplemento Dinheiro Vivo]*, onde a líder europeia defendeu uma presença mais vincada da UE no combate à atual crise energética.

Na linha do que defendeu de manhã, voltou a frisar que há decisões que podem ser tomadas "agora e isso não pode esperar. Podemos agir em conjunto para limitar o impacto, quer se trate da criação de limites máximos para as contas, da fixação dos sistemas de preços ou da desagregação do preço da eletricidade e do gás", concluindo: "Se alguma vez houve um momento para haver mais Europa, ele está aqui e agora. A Europa tem de se erguer para enfrentar os desafios e a única forma de avançar é se estivermos unidos."

rui.godinho@dn.pt

MP pede "invalidade da DIA do Montijo"

O Ministério Público (MP) pediu que a Declaração de Impacto Ambiental (DIA) relativa ao projeto de aeroporto do Montijo e as suas acessibilidades passe a ser considerada inválida, no âmbito de um processo administrativo que corre no Tribunal de Almada.

No seu parecer referente ao pedido impugnatório solicitado pelo grupo de cidadãos Negociata – Ninguém Espera Grandes Oportunidades com Investimentos Antiambiente, a que a Lusa teve acesso, o MP refere que a "DIA não apenas extravasa a sua esfera de apreciação, avançando para a prescrição no domínio do ordenamento do território, como subverte o sistema de planeamento e programação territorial, incluindo na dimensão do enquadramento europeu". Em dezembro de 2019, o grupo de cidadãos interpôs uma providência cautelar para suspender a Avaliação de Impacto Ambiental relativa ao novo aeroporto do Montijo e requereu que não fosse emitida a DIA. A DIA foi emitida pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA) em janeiro e o mesmo grupo pediu que o procedimento cautelar fosse ampliado também à decisão da APA.

O Tribunal Administrativo e Fiscal de Almada indeferiu a providência cautelar relativa à DIA do aeroporto no Montijo em setembro de 2021, mas, segundo o advogado do grupo de cidadãos, Miguel Santos Pereira, a sentença "arrasava por completo a opção da localização, entendendo o tribunal que a DIA nunca poderia ter sido favorável".

No parecer, o MP escreve que adere ao pedido impugnatório da autora (Grupo de Cidadãos Negociata), "no sentido da verificação da invalidade do ato administrativo corporizado na DIA, devendo o tribunal declarar o ato nulo ou anulá-lo". Para Miguel Santos Pereira, o MP é claro ao referir que "tem de ser anulada e que viola a lei".

DN/LUSA

A reorganização da Proteção Civil foi ordenada pelo governo em 2017, mas não está terminada.

Incêndios. Diploma que conclui reorganização da Proteção Civil está na gaveta há três anos

SEGURANÇA INTERNA A nova Lei Orgânica da ANEPC, publicada em 2019, ainda não foi concluída por falta de aprovação de uma portaria considerada essencial para finalizar a grande reforma sistémica na reorganização da prevenção e combate aos fogos determinada pelo governo em 2017. O MAI desvaloriza e nega que tenha impacto operacional.

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

Passados cinco anos dos trágicos incêndios de Pedrógão Grande, a reorganização daquele que é o comando máximo do combate aos fogos ainda não está concluída. A nova Lei Orgânica da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC) foi aprovada em 2019, mas um derradeiro diploma, uma portaria já proposta pelo atual presidente, brigadeiro general Duarte da Costa, está na gaveta há três anos. Numa altura em que os incêndios voltaram a marcar a agenda com algumas acusações de descoordenação, o reforço da estrutura da Proteção Civil, determinada por resolução de Conselho de Ministros (RCM) em 2017, ficou para trás, ao contrário da Agência Integrada para os Incêndios Florestais (AGIF) e do Instituto para a Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), que viram a sua reorganização terminada em 2018 e 2019, respetivamente, já com algumas atualizações.

Na RCM, que teve por base o relatório da Comissão Técnica Independente (CTI), mandatada pela Assembleia da República, sobre as causas dos incêndios de 2017, o governo comprometia-se a "adotar um conjunto de medidas sólidas, que configuram uma reforma sistémica na prevenção e combate aos incêndios florestais". Tal reforma, era assinalado, "deve ser profunda, nos termos propostos pela CTI, mas levada a cabo sem ruturas, contando com a intervenção e valorizando todas as instituições que têm assegurado o Dispositivo contra Incêndios Florestais". "Reforçar a profissionalização e capacitação do sistema exigirá ainda que a ANPC (atual ANEPC) seja definitivamente instalada, com mapa de pessoal próprio e devidamente dotado, com carreiras estáveis e organizadas, bem como uma estrutura de direção consolidada e preenchida nos termos da lei geral, mediante concurso", lia-se ainda. Ficou também decidido "rever, até ao final do primeiro trimestre de 2018, e reforçar a estrutura orgânica da ANPC, com os objetivos de redefinir a constituição e os critérios de designação da sua estrutura de comando e de criar uma carreira estável e organizada para a respetiva força operacional, fomentando a formação especializada e o desenvolvimento de competências operacionais".

Passados dois anos, de facto, foi aprovada uma nova lei orgânica, mas para a concretizar seria preciso que fosse também aprovada uma portaria que estabelece toda a "estrutura nuclear" da ANEPC e respetivas competências das unidades orgânicas, consistindo num reforço das mesmas em recursos humanos qualificados.

"É fundamental o estabelecimento de uma estrutura capaz de responder às áreas diversas de intervenção no âmbito da proteção e socorro", sublinha uma fonte superior da ANEPC que está a acompanhar o processo, lamentando que, "passado tanto tempo", esta "continue desorganizada, com impactos negativos no seu funcionamento interno". Uma outra fonte interna sublinha que "a não publicação da portaria colide irremediavelmente com a lógica regional, designadamente a alteração do modelo de relação entre os diferentes níveis da Administração, central, regional e sub-regional, patente na nova lei orgânica em vigor".

Exemplo disso, explica, "é a proposta de criação de uma nova Direção de Serviços de Coordenação Regional de Prevenção e Gestão de Riscos, responsável, nas circunscrições territoriais correspondentes aos comandos regionais de emergência e proteção civil, pela organização da atividade de prevenção e gestão de riscos e pela implementação do eixo de proteção contra incêndios rurais, no âmbito da prevenção". A sua não publicação, alegam estas fontes da ANEPC, "só irá atrasar todas e quaisquer medidas que urge implementar em matéria de prevenção, que terão um real impacto na resposta operacional. Em vez de se apostar na área da prevenção, os governantes continuam unicamente preocupados com o combate e com os números da área ardida".

"O atraso da publicação da portaria tem, assim, uma interferência direta na prossecução da missão da Proteção Civil", alertam. "Ainda que tenham sido realizados todos os esforços por parte da ANEPC no sentido de apresentar uma proposta de portaria adequada aos desafios que decorrem da necessidade de deter uma estrutura que consiga responder aos acidentes graves e catástrofes que acontecem cada vez com maior frequência, intensidade e impacto, a verdade é que a espera de três anos resulta num impasse, com impacto na eficiência dos serviços, nos resultados operacionais, e que desmotiva até os próprios trabalhadores", acrescenta o quadro superior.

Ao que o DN soube, esta reorganização terá um custo estimado de quatro milhões de euros anuais, a somar aos poucos mais de 200 milhões de euros por ano do orçamento da ANEPC. Questionado pelo DN, o gabinete do ministro da Administração Interna, José Luís Carneiro – que quando entrou no ministério já este processo estava na gaveta –, não apresenta o argumento financeiro como entrave. "Pretende-se que a publicação da portaria ocorra o mais rapidamente possível, para ser implementada na ANEPC assim que possível", garante fonte oficial. Recorda que "este processo iniciou-se em março de 2020, mas a alteração do titular da pasta da Administração Interna (dezembro de 2021), a marcação de eleições legislativas e a demora na conclusão do processo eleitoral para a constituição do XXIII Governo (que só tomou posse a 30 de março de 2022) contribuíram para o atraso na aprovação desse projeto de portaria". O mesmo porta-voz afirma que a não publicação deste diploma "não tem qualquer interferência ou impacto na sua estrutura operacional e, consequentemente, na resposta operacional aos incêndios rurais", e que, "devido à mudança do governo, o projeto de portaria está a ser novamente avaliado pelos atuais titulares das áreas governativas em causa", entre os quais o ministro das Finanças, Fernando Medina.

valentina.marcelino@dn.pt

RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

Graça Freitas anunciou plano de vacinação para o outono-inverno em conferência de imprensa.

Vacinação para a covid e gripe arranca quarta-feira

SAÚDE Doses serão dadas a pessoas com pelo menos 80 anos ou com doenças. Terão de ter passado pelo menos três meses da infeção ou última dose.

A campanha de vacinação do outono-inverno contra a covid-19 e também contra a gripe vai ser iniciada na próxima quarta-feira, com o objetivo principal de proteger as pessoas mais vulneráveis, anunciou ontem Graça Freitas, diretora-geral da Saúde.

"No âmbito das linhas orientadoras para a covid-19 e outras infeções por vírus respiratórios no outono-inverno de 2022-2023, inicia-se no próximo dia 7 a campanha de vacinação sazonal que decorrerá, tal como no ano passado, simultaneamente para a covid-19 e para a gripe", adiantou Graça Freitas em conferência de imprensa.

Segundo disse, os principais objetivos para as próximas estações de outono e inverno passa por proteger a população mais vulnerável, prevenindo a doença grave, a hospitalização e a morte por covid-19 e por gripe, e mitigando o impacto dessas doenças nos serviços de saúde.

Na apresentação da campanha de vacinação sazonal contra os dois vírus, a diretora-geral da Saúde adiantou que, em relação à covid-19, Portugal encontra-se numa situação epidemiológica "considerada estável" e com elevada cobertura vacinal, o que tem permitido "manter a proteção da população".

Apesar disso, sabe-se "que, com o passar do tempo, pode existir uma diminuição da proteção conferida pela vacina contra a covid-19", ao que se junta a possibilidade de alterações nas estirpes dos vírus da gripe em circulação em cada período de outono e inverno, salientou Graça Freitas.

A diretora-geral apelou à vacinação nesta campanha, como forma de proteção contra formas graves de doença da covid-19 e da gripe.

"Não nos podemos esquecer que as vacinas salvam vidas. O conselho que damos a todos é que, neste outono-inverno, podem e devem vacinar-se. Estão criadas todas as condições científicas e logísticas para que isso possa acontecer", sublinhou a responsável da Direção-Geral da Saúde.

De acordo com Graça Freitas, "nesta campanha, desde o início, serão utilizadas as vacinas adaptadas contra a covid-19, contendo a estirpe original e a variante Ómicron, aprovadas ontem [quinta-feira] pela Agência Europeia do Medicamento (EMA), dado que essas vacinas têm um perfil de eficácia e segurança adaptado às atuais variantes do SARS-CoV-2 em circulação", avançou Graça Freitas. As vacinas contra a covid-19, explicou, serão administradas pelo menos com três meses de intervalo entre a última dose ou a infeção, salientando que as pessoas elegíveis para a "vacina sazonal fazem apenas esta dose, independentemente dos reforços efetuados no passado". "Basta ter as duas doses iniciais e, depois, é a vacinação sazonal, como se faz para a gripe", disse a diretora-geral da Saúde.

> Graça Freitas apela à vacinação. Portugal vai receber doses de vacina adaptada à variante Ómicron.

Em relação à gripe, Graça Freitas adiantou que será utilizada pela primeira vez uma vacina de dose elevada, com uma composição antigénica quatro vezes superior à fórmula padrão, o que lhe confere uma eficácia superior. Estas vacinas serão utilizadas para imunizar as pessoas mais vulneráveis, como os residentes em lares de idosos, explicou.

A campanha de imunização contra a covid-19 inicia-se com a vacinação dos grupos das pessoas com 80 ou mais anos e com doenças.

DN/LUSA

Mortalidade materna. Mais de metade foi em mulheres até aos 35 anos

RELATÓRIO Documento elenca uma série de recomendações. Maior parte dos óbitos foram por "causas diretas", diz DGS.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

A Direção-Geral da Saúde (DGS) enviou ontem para a comissão parlamentar de Saúde o relatório de mortalidade materna referente aos anos 2017-18. O envio do documento, recorde-se, já tinha sido pedido pelo grupo parlamentar do PSD.

De acordo com a informação divulgada pela DGS, entre 2017 e 2018, registaram-se 26 mortes. "Nesse período, ocorreram 12 mortes maternas às quais foi atribuída causa direta (maioritariamente hemorragia/coagulopatia e doença hipertensiva da gravidez) e 11 mortes maternas por causa indireta (tromboembolia, causas oncológicas, infeções e outras). Em 3 mortes maternas não foi possível atribuir causa de morte com base na informação disponível", lê-se no *site* da entidade.

No relatório, é ainda possível concluir que mais de metade das mortes com causa direta (58%) ocorreram em mulheres com idade igual ou inferior a 35 anos. Uma tendência que, segundo a DGS, "tem aumentado" ao longo do tempo. Por outro lado, das 14 mulheres com 35 anos ou menos que morreram, 7 tinham comorbilidades graves. Ainda assim, justifica a DGS, "apesar de as mulheres que morrem terem tendência a ser cada vez mais velhas, entre 2001 e 2018 o risco de mortes maternas diminuiu na maioria dos grupos etários."

No entanto, a mortalidade materna registou recordes absolutos em 38 anos, tendo vindo a aumentar – algo a que a DGS pede cautela. "Houve simultaneamente uma melhoria dos sistemas de recolha de informação, minimizando as situações de subnotificação de casos", acrescentando que está em curso um "estudo quinquenal, que engloba informação entre os anos de 2017 e 2021", algo que surge como recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Perante isto, o Bloco de Esquerda (BE) enviou ontem uma pergunta à ministra da Saúde sobre as recomendações que o relatório faz. De acordo com esta pergunta enviada ao ministério liderado pela demissionária Marta Temido, neste relatório foram feitas "várias recomendações, muitas delas relacionadas com políticas de saúde e organização e funcionamento dos serviços do SNS". Por isso, o Bloco quer apurar quais as medidas que "foram tomadas pelo governo para pôr em prática estas recomendações" que constam do relatório terminado em 2020.

Os bloquistas perguntam ainda ao Governo se está a ser garantido apoio de psiquiatria, psicologia ou assistente social sempre que se considera necessário e se está "a ser feito o seguimento e vigilância multidisciplinar das puérperas com morbilidades que apresentem riscos".

Na passada quarta-feira, o PSD já tinha solicitado o envio "urgente" do documento para a Assembleia da República.

rui.godinho@dn.pt

FERNANDO FONTES / GLOBAL IMAGENS

Em 12 das 26 mortes houve uma causa direta do óbito.

O famoso questionário Proust respondido pelo compositor **Eurico Carrapatoso**

"Deploro o tempo de negócio em que nos mergulharam, que nos retira o direito ao ócio"

A sua virtude preferida?
O ouvido.

A qualidade que mais aprecia num homem?
O talento.

A qualidade que mais aprecia numa mulher?
O talento.

O que aprecia mais nos seus amigos?
Disponibilidade para ouvir, para falar ou para estar em silêncio.

O seu principal defeito?
Pouca resistência à tentação.

A sua ocupação preferida?
Compor.

Qual é a sua ideia de "felicidade perfeita"?
Caminhar à beira-Tejo, com sol, ou viajar em estradas secundárias pelo interior de Portugal, com chuva.

Um desgosto?
Perder uma ideia que estava na ponta da língua.

O que é que gostaria de ser?
Compositor com direito à preguiça. Deploro o tempo de negócio em que nos mergulharam, que nos retira o direito ao ócio e nos transforma, à viva força, em potros de competição dispostos em linha de montagem.

Em que país gostaria de viver?
Renúncia expressa a qualquer outro país. Começo a bocejar no preciso momento em que deixo o espaço aéreo de Portugal. Enfadado, só retorno à tranquilidade quando volto a pedir uma bica curta numa esplanada alfacinha, tripeira ou brigantina, tanto dá, com um coreto em si bemol à minha frente.

A cor preferida?
A do Maio florido.

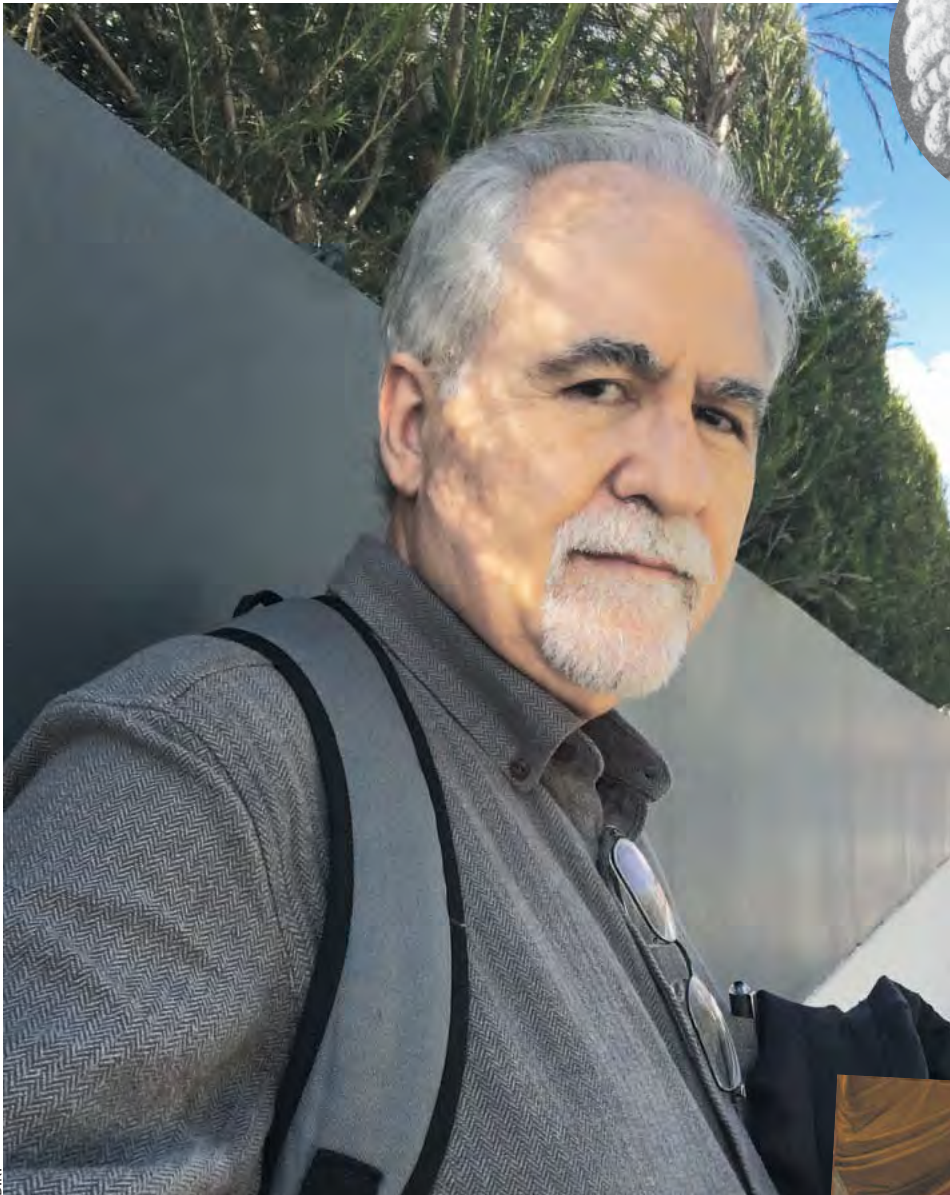
A flor de que gosta?
Angélica.

O pássaro que prefere?
Rouxinol na noite de Abril, a carriça na alvorada, o tordo no crepúsculo de Dezembro. O melro, primo do tordo? Esse, sempre.

O autor preferido em prosa?
Camilo.

Poetas preferidos?
Pessanha, Pascoaes.

O seu herói da ficção?
Davis, jurado número 8 em *12 Angry Men.*

D.R.

Heroínas favoritas na ficção?
Viridiana.

Os heróis da vida real?
Meus pais, meus irmãos, minha mulher e meus filhos.

As heroínas históricas?
Rainhas de Inglaterra não, de certeza. Prefiro rainhas da vida real. Ocorrem-me duas senhoras sem direito a pompa, circunstância e toda a sorte de protocolos ajaezados, apenas no exercício do direito de resposta: Rita Machado, filha do escritor Dinis Machado (autor de *O que diz Molero*), na forma como acertou o passo a António Lobo Antunes ao defender a memória de seu pai e demais antepassados já falecidos. A dignidade da sua resposta é solar e sonora como um sino de bronze, a lembrar o tiro certeiro de David na testa de Golias. A outra heroína é uma leitora anónima de Setúbal que respondeu de forma mortal a Maria Filomena Mónica. A socióloga afirmara num dado artigo que "havia três pessoas cultas em Portugal, se tanto". A leitora confirmou na semana seguinte àquela publicação que eram mesmo três, sem qualquer dúvida. E enumerou-as: "Uma das pessoas cultas é a Dr.ª Maria Filomena Mónica, pois claro. A segunda pessoa culta é o Dr. António Barreto, seu marido. E a terceira pessoa culta sou eu, evidentemente."

Os pintores preferidos?
Rego, Souza-Cardoso, Turner, El Greco, Parmigianino, Mantegna.

Compositores preferidos?
Pedro Faria Gomes, Lopes-Graça, Poulenc, Ravel, Debussy, Bach.

Os seus nomes preferidos?
Amélia e António.

O que detesta acima de tudo?
Pedantismo de queixo altivo, e, citando Debussy no seu questionário Proust de 16 de Fevereiro de 1889, *"les femmes trop belles"*.

A personagem histórica que mais despreza?
Frei Tomás de Torquemada, a representar todos os seres sinistros respaldados no poder instituído que, com base em efabulações e toda a sorte de banhas da cobra, se arrogam à autoridade moral de julgar os outros, apoucando-os, censurando-os, prendendo-os, torturando-os, assassinando-os.

O feito militar que mais admira?
Bafordo de Valdevez.

O dom da natureza que gostaria de ter?
Renovar-me e remoçar todas as primaveras como o freixo.

Como gostaria de morrer?
A rir.

Estado de espírito atual?
A sorrir.

Os erros que lhe inspiram maior indulgência?
Todo e qualquer desvio das linhas estéticas que vão bolçando da boquinha mimada e burguesa dos tempos que correm.

A sua divisa?
"Escreve música. Deixa lá a história."

Brunch com...

BRUNO MOTA

FUNDADOR DA BOLD BY DEVOTEAM

UM CONSULTOR DE TECNOLOGIA COM VÍRUS DE EMPREENDEDOR

TEXTO **JOANA PETIZ**

Nasceu em Torres Vedras mas diz-se sintrense, porque foi em Sintra que viveu toda a vida. Tirou o curso de Engenharia Informática no ISEL, que lhe deu "grandes bases e conhecimentos", e começou a trabalhar como consultor informático para a então Sonaecom. Mas Bruno Mota, tendo o empreendedorismo a correr-lhe nas veias, nunca seria feliz nem se sentiria completo se não virasse costas à estabilidade de uma carreira que se previa tranquila e bem-sucedida em nome do seu projeto.

"Os meus pais hipotecaram a casa para pedir o crédito necessário para financiar o meu projeto e ainda me lembro de todas as manhãs me perguntarem se as coisas estavam a correr bem", conta. Era a vida deles que empenhavam por confiança no filho, na sua capacidade de criar alguma coisa maior. Mas, por muito que acreditassem, certamente sentiram na espinha o frio do risco tomado. Certo é que nunca lhe questionaram o valor. Apenas perguntavam como estavam a correr as coisas. Diariamente. "O meu pai ainda faz isso", ri-se. "Sou mesmo muito grato aos meus pais por terem ajudado. Mão sei se eu teria coragem para o fazer."

À mesa da esplanada do Myriad, sobre o Tejo que se alonga sem obstáculos muito além do Parque das Nações, conta-me a última metade dos seus 39 anos, aqueles em que fundou uma tecnológica e a fez crescer até se tornar apetitosa para os investidores franceses, que permitiram multiplicá-la até aos atuais mais de 1200 colaboradores em Portugal. Foi, aliás, à boleia da Bold que a Devoteam pôs aqui o pé pela primeira vez, uma aposta que se revelou certeira.

Com cafés e água a molhar a conversa, madalena de framboesa de cortesia, vai-me explicando porque tinha a certeza que a estabilidade conseguida nos primeiros tempos dos seus 20 anos não lhe servia. "Ser consultor informático não se ajustava à minha personalidade; sou de contacto, de pessoas, e estava sentado atrás de um ecrã todo o dia. Então comecei à procura de oportunidades em TI mais relacionadas com vendas", onde pudesse ter esse toque que lhe enchia as medidas, ainda que permanecendo na sua área. A via do *business management* foi a solução, pois permitia-lhe lidar com clientes, fazer o processo de ponta a ponta, mas ao fim de três anos sem sentir os seus valores refletidos na empresa onde estava, e ao ver que o tempo de fazer o que acreditava ser sua vocação desaparecia, decidiu dar o salto. Levou como sócio Tiago Gouveia, que o acompanhava desde a Sonaecom, e juntos abriram uma empresa à sua imagem, com os seus princípios e valores.

"Somos muito complementares, e isso resultou na combinação perfeita na Bold. Foi talvez um dos fatores de sucesso", pondera, recuando a esses primeiros tempos, sobre os quais já passou mais de uma década. "Chamámos-lhe Bold International e quando íamos vender os nossos serviços, tentar fazer negócio, perguntavam-nos sempre se éramos o *branch* de uma companhia internacional. E nós tínhamos de dizer que não, que éramos só nós dois e a visão do que queríamos fazer com clientes de todo o mundo." Acha divertida a ideia de um nome bem escolhido (*bold*=ousado). "Sempre fomos pessoas de saltar para a piscina sem vermos se está lá a água. É uma forma de estar. Mas estávamos sempre muito focados em vender, desde o primei-

ILUSTRAÇÃO DE ANDRÉ CARRILHO

ro dia, e quanto mais dinheiro fazíamos mais investíamos. Nunca fui de dar passos maiores do que a perna e se tivesse visto que estava a descarrilar teria cortado o mal pela raiz."

A tranquilidade de espírito atual diz-lhe que a idade teve influência nessa postura – "éramos muito novos, 26 anos" –, mas para quem já se sentou a ouvir-lhe os projetos e conhece o percurso que levou a Bold a ser a única 100% portuguesa a integrar o *ranking* do *Financial Times* das mil companhias europeias com crescimento mais rápido, em 2017, entende que essa forma de estar, a ponderação e a capacidade de ver soluções ainda antes de os problemas terem sido revelados lhe está no ADN. Em sete anos de vida, a empresa já contava com 500 trabalhadores, escritórios em Lisboa, Porto, Aveiro e São Paulo, nos quais prestava os seus serviços de consultoria, soluções para dispositivos móveis, *marketing* digital e soluções integradas para outras firmas. E tinha receitas de 15 milhões de euros.

Hoje, 13 anos depois de abrir portas e apenas três passados sobre a entrada da Devoteam, a consultora líder em estratégia digital vende para fora 30% do que produz e prevê fechar o ano com um volume de negócios cinco vezes superior: 75 milhões de euros.

DEIXAR A MAIORIA OU PERDER O MOMENTO

Tiago saiu antes de a Devoteam comprar 58% do capital da Bold, em 2018 (hoje tem 65%). Foi abrir o escritório do Brasil e por lá se casou e fez vida. Ficou a amizade. A Bold seguiu o seu caminho com Bruno como maestro a solo, até sentir que, se queria dar passos maiores, precisava de um sócio que acrescentasse valor, que trouxesse oportunidades, clientes e projetos adicionais na desejada rota internacional. Diz-me que o caminho de profissionalização também veio pela mão da Devoteam, que o obrigou a focar o negócio nas soluções tecnológicas, mantendo a confiança na sua liderança e forma de fazer as coisas. E não se arrepende nada de ter cedido na condição que não estava preparado para ouvir: deixar de ter a maior fatia naquela que foi a sua primeira "filha", moldada por inspiração da pioneira Altran e apontando à fasquia das grandes consultoras, com valor acrescentado garantido pela tecnologia ligada ao negócio dos clientes.

Relata como então pesquisou no mercado até encontrar candidatos a parceiros. "Não quis recorrer a especialistas. Quando se envolve empresas de M&A, o processo é mais benfeito, mas se calhar excluiria à partida empresas que nos interessavam; a nossa porta sempre esteve aberta a todos quantos manifestassem interesse, mas eu preferia as que estavam fora para podermos ganhar espaço."

Nessa altura identificou uma empresa estrangeira que já tinha presença em Portugal e se perfilava como boa candidata, mas algo não encaixava. "Como quando ainda estamos a namorar e as coisas já dão problemas", ri-se, explicando que o que lhe pediam era que deixasse a identidade da Bold, e essa era uma linha que nunca esteve disposto a cruzar. Foi então que lhe apontaram a Devoteam e em poucas semanas estava sentado a jantar com o CEO, em Paris. "Tinha ido conhecer os escritórios deles antes e tinham valores iguais aos nossos. Tive logo um bom *feeling* com o que vi e com os profissionais que conheci." A meio do jantar, porém, parecia que o negócio ia borregar. Prescindir da maioria não estava nos seus planos e era condição para a Devoteam. "Continuámos a jantar, a falar de outras coisas, e às tantas o CEO explicou-me que nenhuma empresa estaria disposta a dar as condições e oportunidades que eu desejava sem ter o controlo; ainda que isso não significasse controlar, apenas ter margem para agir se algo corresse mal. Percebi que só tinha a ganhar."

Impôs como condição a liberdade de fazer negócio em qualquer país, sem restrições, e manter a sua gestão e filosofia, algo que a Devoteam, presente em 21 países e que tem por princípio promover os empreendedores nas empresas que vai acrescentando ao portefólio, agradeceu. A troca de conhecimento e a riqueza de culturas contribuiu para acelerar o negócio, com o grupo a promover encontros regulares – além de Portugal ser país de eleição para estes encontros, Bruno faz parte da comissão executiva da Devoteam, reconhecido pelo seu valor e experiência.

> "OS MEUS PAIS HIPOTECARAM A CASA PARA PEDIR O CRÉDITO NECESSÁRIO PARA FINANCIAR O MEU PROJETO E AINDA ME LEMBRO DE TODAS AS MANHÃS ME PERGUNTAREM SE AS COISAS ESTAVAM A CORRER BEM."
>
> "NUNCA FUI DE DAR PASSOS MAIORES DO QUE A PERNA E SE TIVESSE VISTO QUE ESTAVA A DESCARRILAR TERIA CORTADO O MAL PELA RAIZ."
>
> "PORTUGAL NÃO ESTAVA NO RADAR DA DEVOTEAM, MAS VIRAM AQUI TALENTO E UMA EQUIPA DE GESTÃO COM CAPACIDADE E *SKILLS*."

Portugal é hoje a segunda maior geografia em colaboradores e está no *top* 3 no volume de negócios do grupo. A Bold mostrou à Devoteam o valor do país, o que resultou na deslocação de serviços para estas paragens e na criação de alguns centros de excelência em Portugal – Outsystems, Microsoft e AWS são bons exemplos. "Portugal não estava no radar deles, mas passaram a ver aqui talento e uma equipa de gestão com capacidade e *skills*", orgulha-se. Não apenas pelo que diretamente lhe diz respeito, mas por ter contribuído de alguma forma para ajudar o país a afirmar-se.

O CADERNINHO DE IDEIAS

Quem o visse, nascido numa família em que ter emprego para toda a vida era a bitola – o pai operador fabril e a mãe a dar suporte à mesma empresa –, não imaginaria esta guinada. A começar pelos pais, que antes de lhe darem as ferramentas para se afirmar chegaram a pensar que tinha perdido o juízo. Foram eles, porém, que lhe passaram a educação, essa forma de pensar livre e confiante na capacidade de realizar o que nem se apercebia ser um espírito empreendedor. "Tenho um caderninho com 200 ideias que desde muito novo fui apontando. Sempre que viajava via oportunidades de negócio, coisas que achava que podiam funcionar. Mas não achava que fosse materializar alguma. Até o fazer. Creio que o empreendedorismo é algo que nasce connosco", admite.

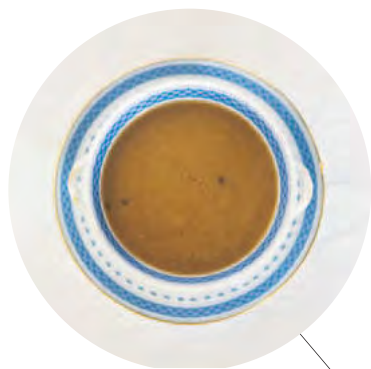
É aventureiro na vertente profissional, mas a estabilidade também faz parte da personalidade de Bruno Mota. E provavelmente por isso se viu casado não muito tempo depois de conhecer Lina e de nela reconhecer as qualidades que ao fim de 15 anos de vida comum faz questão de enaltecer. "Ela também é de Sintra e conhecemo-nos na despedida de um amigo que tínhamos em comum, que ia viver para Angola. Pedi-lhe que ma apresentasse e meses depois, já eu nem me lembrava, ele ligou a cumprir a promessa. Foi até hoje. Acredito que muito do que aconteceu na empresa tem a Lina por trás. Ela sempre me deu uma enorme estabilidade, soube perceber as minhas indisponibilidades, o tempo que não tive para ela enquanto estava focado na empresa", confessa. Enfermeira de formação, quis o acaso que, já com a primeira filha nascida, Laura – hoje com 6 anos e um irmão de 2, Francisco –, tivesse trocado a profissão pela vontade de ter um negócio, uma loja de roupa para criança. O que permitiu a Lina não ter de viver por dentro a dureza dos tempos de pandemia.

Se Bruno reconhece que houve tempos em que não deu à mulher a atenção que ela merecia, isso mudou desde que a família cresceu: os filhos são o seu escape e não prescinde de os ver crescer, de os acompanhar, de brincar com eles. A Bold pode ser sua criação, mas as crianças são o seu maior orgulho. "Eles mudaram a minha vida", reconhece. "Quando forem maiorzitos, quero pô-los a jogar um desporto de equipa, como eu joguei; o que se aprende a partilhar o balneário, a gerir egos tão diferentes, dá-nos competências que ajudam noutras fases e contextos da vida."

O seu desporto é o *futsal*, que já jogou semiprofissionalmente, em Santa Susana, chegando até a defrontar, na 1.ª Divisão, o seu Sporting de coração. De resto, confessa-se realizado com o que conseguiu atingir ainda antes dos 40, que completa neste ano. Mas enquanto empreendedor já sente algum formigueiro. "Na lista de objetivos próximos tenho o de chegar aos 100 milhões – os seis dígitos parecem-me uma boa meta", sorri perante a perspetiva, sem querer pôr data na conquista, mas sendo fácil adivinhar-lhe a ambição de o conseguir no menor tempo possível. Identifica outros desafios, como a adaptação decorrente da covid, que obrigou a rever a cultura da empresa para "manter o *feeling* em contexto de trabalho remoto". Continuar a somar clientes e dar-lhes mais valor e qualidade é outro dos seus propósitos, mas não consegue ver onde estará aos 45. A um prazo mais alongado, é mais fácil descrever-se: "Sou ainda muito executivo nesta fase, mas aos 60 quero ter um conjunto de negócios e mais tempo para mim, para aproveitar a vida de empreendedor de outra forma. Para viajar. E para gozar a vida de forma diferente, com a minha família."

Lisboa XL

AGENDA Setembro promete ser um mês recheado de iniciativas na Área Metropolitana de Lisboa. Oeiras apresenta a maior exposição de fotojornalismo do mundo, enquanto Odivelas promove a sopa da região. Já o Montijo vai regressar à época quinhentista durante três dias. Em Alcochete e Sesimbra a música é o mote, com concertos de fado e *jazz* para todos.

TEXTO **INÊS DIAS**

Festival da Sopa anima Odivelas

Nos próximos dias 9, 10 e 11, o XVIII Festival da Sopa está de regresso a Caneças, em Odivelas, numa edição que promove as melhores sopas da região. O Largo do Coreto vai receber os concertos de Herman José & Quarteto e Jorge Guerreiro, bem como tasquinhas, artesanato e um mercado biológico, num evento *plastic free*.

Montijo recria época quinhentista

O Montijo vai comemorar os dias da Aldeia Galega com a VII edição da Feira Quinhentista, nos dias 9, 10 e 11. Espetáculos de fogo, dança, música, torneios, mercados, tabernas, artesãos, grupos de animação de rua e falcoaria vão animar a cidade, convidando as pessoas a vestirem-se à época e a regressar ao passado "para viverem dias memoráveis".

Oeiras destaca o fotojornalismo

A maior exposição de fotojornalismo do mundo – a *World Press Photo* – está de regresso ao Parque dos Poetas, em Oeiras, entre os dias 15 de setembro e 16 de outubro. A exposição, com entrada gratuita, traz as obras vencedoras de 24 fotógrafos de 23 países, com temas que marcam a atualidade, entre eles a crise climática, direitos civis, educação e preservação das práticas indígenas.

Alcochete tem dois dias de fado

O Fado Convida está de volta a Alcochete, desta vez com entrada gratuita, para animar a vila nos próximos dias 9 e 10. Esta iniciativa vai juntar artistas de Portugal, Brasil, Cabo Verde e Angola em concertos com versão *indoor* (mais intimistas) e *outdoor* (de maior dimensão) no Fórum Cultural e no Jardim da Praça da Cultura, respetivamente. Pedro Flores, Jorge Fernando, Simão Oliveira e Maldito Fado – Hélder Moutinho são alguns dos nomes no cartaz.

Há Jazz! para ouvir em Sesimbra

De 7 a 11 de setembro Sesimbra volta a receber o festival Aqui Há Jazz! no adro da Igreja do Castelo. Cinco concertos com Mirza Lauchand, The Soaked Lamb, Laurent Filipe, Club Makumba e Jazz a Três – que reúne Diogo Sargedas, Raquel Almeida e Diogo Dias – vão animar a vila, sem faltar uma aula de ioga com Paulo Carvalho, da Associação Yoga de Sesimbra.

Porto XL

ROTEIRO Maia volta a receber um mercado de cervejas e sidras artesanais para apoiar e divulgar produtores portugueses. No Mosteiro de Leça do Balio há a recreação histórica *Hospitaleiros no Caminho de Santiago.* Luccas Neto apresenta um musical no Porto. Há um novo Posto de Controle e Registo de Pescado na Afurada e música clássica nos Aliados.

TEXTO **JOANA ABREU**

Mercado de sidras e cervejas artesanais

Este fim de semana a cidade da Maia recebe a segunda edição do Artesanal, o mercado de cervejas e sidras artesanais portuguesas, "com foco na divulgação dos pequenos e médios produtores portugueses". No local irá ser possível provar alguns petiscos e tapas. A entrada é livre, sendo que o copo para consumir as diferentes bebidas tem o valor de 5 euros.

Os Hospitalários no Caminho de Santiago

Os Hospitalários no Caminho de Santiago regressam de 7 a 11 de setembro. O Mosteiro de Leça do Balio transforma-se no cenário de uma das mais importantes recriações históricas do país. O momento mais aguardado desta recriação histórica será no dia 11 de setembro, às 16h30, quando for recriado o casamento real entre D. Fernando e D. Leonor Teles.

Aliados volta a receber concertos

A Avenida dos Aliados vai voltar a ser palco de concertos de música clássica já no mês de setembro. O regresso destes espetáculos acontece no dia 10 e será protagonizado pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. O concerto está marcado para as 22h00 e tem entrada livre. O recinto é limitado a 750 lugares sentados.

Luccas Neto em musical na Invicta

O musical de Luccas Neto, um dos maiores fenómenos do universo digital e ídolo do público infantil, intitulado *Luccas Neto e a Escola de Aventureiros*, tem espetáculo marcado para 10 de setembro e terá lugar no Super Bock Arena, no Porto. Os bilhetes para o musical estão disponíveis e podem ser adquiridos em *blueticket.meo.pt* e nos locais habituais.

Porto da Afurada tem novo posto

O sonho de a Afurada ter o seu próprio Posto de Controle e Registo de Pescado é finalmente uma realidade. Foram também inaugurados 24 armazéns de arresto, que permitem melhores condições aos pescadores. Deste modo, os pescadores da Afurada já não necessitam de se deslocar até ao Porto de Leixões para a pesagem do seu pescado.

Guerra santa em nome de Lula e de Bolsonaro

RELIGIÃO Estudiosos não acreditam em conflitos comparáveis aos do mundo islâmico, mas avaliam que a política, que fala cada vez mais em Deus e no diabo, pode levar intolerância a níveis perigosos.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** em SÃO PAULO

No mesmo dia, 12 de outubro, em que o Brasil celebrava Nossa Senhora de Aparecida, a padroeira do país, Sérgio von Helder, bispo da IURD, entrou nos estúdios da TV Record, controlada pelo culto de Edir Macedo, para, numa edição do programa *Despertar da Fé*, despertar uma espécie de guerra santa naquela manhã de 1995: pontapeou uma imagem de Nossa Senhora, enquanto gritava "isso aqui custa 500 reais no supermercado, será que Deus pode ser comparado a um boneco tão horrível, tão desgraçado?", para sublinhar a distinção entre a Igreja Católica, que adora santos, e a protestante, que os ignora.

Num tempo pré-internet, o assunto viralizou: os jornais vespertinos publicaram uma fotografia do momento do pontapé, o *Jornal Nacional*, principal noticiário da TV Globo, concorrente da Record, abriu com o assunto, esquadras e tribunais foram entupidos de queixas-crime de católicos e de evangélicos rivais da IURD, o presidente, Fernando Henrique Cardoso, alertou para "os perigos da intolerância", Macedo mandou o seu bispo para fora do país e Dom Eugênio Salles, o arcebispo do Rio de Janeiro, usou as palavras que estavam na boca de toda a gente, "guerra santa", obrigando o Papa a intervir: "Católicos, não respondam ao mal praticando o mal", recomendou João Paulo II, do Vaticano.

Nunca, como naquele dia, o Brasil esteve tão perto da tal "guerra santa" que Dom Eugênio mencionou com todas as letras. E hoje? E no futuro?

A primeira-dama, Michelle Bolsonaro, disse, no dia 7 de agosto, que o Palácio do Planalto, no passado, esteve consagrado a satanás e hoje a Jesus. No dia seguinte partilhou uma imagem de Lula da Silva, principal rival do marido, Jair Bolsonaro, nas eleições de outubro, num ritual de candomblé, igreja de matriz africana, associando-a "às trevas", com a seguinte legenda: "Isso pode, né? Eu falar de Deus, não."

No primeiro discurso de campanha, Lula respondeu à notícia falsa, espalhada pelo deputado bolsonarista pastor Marco Feliciano, de que fecharia templos evangélicos caso eleito, chamando Bolsonaro de "fariseu" e de "possuído pelo demónio".

"As equipas de campanha vão com certeza avaliar se essas mensagens foram bem recebidas pelos eleitores, caso tenham sido vão insistir nelas até níveis potencialmente perigosos", afirma Flávio Sofiati, doutor em Sociologia da Religião na Universidade de Goiás, ao DN. Para Sofiati, entretanto, "esse perigo já está na intervenção de Michelle Bolsonaro sobre o candomblé. Ela ratificou o preconceito enraizado na sociedade brasileira de associar coisas ruins a igrejas de matriz africana".

O Brasil, país onde, por exemplo, descendentes de árabes e judeus casam entre si e convivem harmoniosamente, tem fama de tolerante na religião. "Mas é-o só até certo ponto", assinala Sofiati. "Para começar, há a perseguição, já referida, às religiões de matriz africana, como candomblé e umbanda, e ao espiritismo. Por outro lado, embora não me pareça que haja elementos comparáveis no Brasil, ainda, ao contexto do mundo islâmico, há intolerância na política que pode transbordar para a religião, de que é exemplo a execução de um adepto de Lula na festa do seu aniversário por um adepto de Bolsonaro que invadiu o local."

A expressão "guerra santa" está hoje banalizada nas análises políticas à luta ombro a ombro, pelo voto religioso. "Guerra santa de Bolsonaro surte efeito em eleitores evangélicos e Lula prepara reação", lê-se num blogue do portal G1. "Nas últimas semanas, a campanha de Lula detetou uma série de movimentos nas redes sociais e em eventos com evangélicos desferidos pela equipa de Bolsonaro, tentando, na avaliação dos petistas, 'demonizar' o ex-presidente", escreve o jornalista Valdo Cruz.

"Agora, a campanha de Lula vai preparar uma reação. A estratégia será combater o que os petistas estão chamando de 'instrumentalização da fé e da religião' como tática para ganhar votos, principalmente explorando o medo nesta faixa do eleitorado. Segundo um integrante da campanha de Lula, 'o PT avalia que dormiu no ponto' e não desenvolveu uma política direcionada para esse grupo do eleitorado, enquanto Bolsonaro decidiu retomar eleitores evangélicos que haviam se afastado de sua órbita", conclui.

Em causa o domínio, segundo as sondagens, de Lula entre católicos e de Bolsonaro entre evangélicos. O candidato do PT tem 51% das intenções de voto dos católicos, contra 26% do candidato à reeleição

Procissão de Nossa Senhora da Aparecida (em Aparecida do Norte). O Brasil é o maior país católico do Mundo.

Marcha pela liberdade eligiosa, no Rio de Janeiro, Brasil, país onde o número de pessoas sem religião tem vindo a aumentar.

Sérgio von Helder, bispo da IURD, em 1995, quando 'incendiou' o Brasil após pontapear uma imagem religiosa.

MAURICIO LIMA / AFP

pelo PL. Já entre evangélicos, Bolsonaro tem 47% contra 29% de Lula.

Nos últimos meses, Bolsonaro, cujo lema em 2018 era "O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", tem ido a eventos evangélicos com frequência semanal. Só em julho esteve em encontros com fiéis no Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Maranhão, Ceará, Espírito Santo e Rio Grande do Norte. A tática repete-se, embora em menores proporções, junto ao eleitorado católico. A 16 de julho o presidente leu passagens bíblicas e discursou ao lado de um padre em Natal, sob o mote "Deus, pátria, família e liberdade", *slogan* quase igual ao "Deus, Pátria, Família" atribuído a Salazar.

O Brasil ainda é o maior país católico do mundo – mas já é, em paralelo, o terceiro maior país protestante do globo, atrás apenas dos EUA e da Nigéria. Alguns estudos apontam para uma ultrapassagem dos segundos pelos primeiros nas próximas décadas; outros indicam uma estabilidade nos números atuais.

"Há autores que preveem a ultrapassagem e autores que acham que os evangélicos já chegaram ao seu teto: Walter Altmann, teólogo brasileiro importante, acreditava na ultrapassagem por alturas do Censo de 2010, o que não sucedeu; o inglês Paul Freston, grande estudioso da religião na América do Sul, e não só, defende que os protestantes não têm margem para ultrapassar os católicos, o que é corroborado pelas sondagens do Instituto Datafolha, a melhor fonte enquanto os resultados do novo Censo, previstos para 2024, não são conhecidos, segundo as quais os católicos vão caindo, mas já sem a ênfase de antes, e os evangélicos crescendo, mas já não na forma vertiginosa de antes, o que aponta para esse teto."

Em resumo, Sofiati acredita, de acordo com as projeções, que os católicos perderão a maioria absoluta, "caindo para algo perto dos 50%", e os evangélicos chegarão "aos 30%, mas sem subir muito mais". A guerra a valer, entretanto, pode ser travada entre lulistas e bolsonaristas.

O DN está a publicar desde 1 de setembro um conjunto de reportagens sobre os 200 anos da independência do Brasil, que se celebram no próximo dia 7.

> Segundo sondagens, o candidato do PT, Lula da Silva, tem 51% das intenções de voto dos católicos, contra 26% do candidato à reeleição pelo PL. Já entre evangélicos Bolsonaro tem 47%, contra 29% do antigo presidente brasileiro.

Christina Vital

"A violência religiosa já existe neste país"

Depois de um governo muito marcado pelo uso de Deus no discurso, a laicidade do Estado brasileiro está em risco, como se teme?

A linguagem religiosa na política é mais um código sobre moral e ideologia do que sobre as religiões, como conjunto de práticas e doutrinas, em si: é por isso que pouco importa ao público evangélico se Bolsonaro é ou não evangélico como eles, tanto que ele às vezes usa gramática mais próxima dos católicos, outras vezes mais próxima dos pentecostais. O que lhes importa é que ele use aqueles códigos. Entretanto, a laicidade do Estado é uma questão legal, formal e sem retorno no Brasil.

Previu a eleição de um presidente dos evangélicos. Bolsonaro, que não é, em rigor, evangélico, é esse presidente?

Pensou-se que a candidatura presidencial do pastor Everaldo, em 2014, dado o poder de lideranças religiosas na política à época, tivesse sucesso, o que não aconteceu. Segundo pesquisas, candidaturas com identidade religiosa, como essa, têm menos sucesso do que candidaturas não religiosas que usam pontualmente esse discurso, como a de Bolsonaro em 2018. Porquê? Porque os evangélicos não funcionam como um grupo: são heterogéneos e têm disputas internas, logo é mais eficiente apoiarem-se em alguém sem hierarquia oficial.

Líderes mediáticos, como Edir Macedo, Silas Malafaia e outros, vão continuar a tentar estar próximos do poder?

As denominações religiosas neopentecostais, que são conglomerados de *media* e trabalham com mercados amplos, vão continuar a tentar estar sempre próximas do poder, porque elas agem segundo valores religiosos e também interesses económicos.

CHRISTINA VITAL
Pesquisadora da UFF e autora de *Religião e Política: Medos Sociais, Extremismo Religioso e as Eleições de 2014*

Acredita que os evangélicos continuarão próximos da direita por causa de questões comportamentais, ou podem mover-se?

Podem mover-se. As religiões monoteístas são, em termos gerais, conservadoras, mas isso não significa, desde logo, que nesses grupos não haja quem se identifique com agendas progressistas. E depois temos de separar o conservadorismo natural das religiões monoteístas do voto, que é movido por contextos políticos e económicos.

Nesse período de 200 anos acha que o protestantismo vai ultrapassar o catolicismo no Brasil? Se sim, quando?

Pesquisas demográficas apontam uma virada quantitativa no Brasil, de facto, porque observamos que a juventude católica é menor do que a juventude evangélica, logo isso projeta a possibilidade de em 10, 20 ou 30 anos haver essa inversão. Mas o grupo dos sem religião cresce no Brasil e no mundo entre jovens. Podemos até ter um empate a três entre católicos, evangélicos e sem religião.

As duas principais correntes do cristianismo têm convivido relativamente bem, se compararmos com conflitos armados no islamismo, por exemplo. Há risco de, num país tão emocional e dividido, haver conflitos no futuro?

A violência religiosa no Brasil já existe, historicamente e hoje em dia, contra as religiões de matriz africana. Só não a chamamos de guerra religiosa porque está envolvida no chamado racismo estrutural. De qualquer forma, apesar das rivalidades entre católicos e evangélicos e dentro dos próprios evangélicos, há acordos estratégicos entre eles que preservam o caráter cívico e que apontam para que jamais aconteçam situações como no Médio Oriente.

ALEX WONG/GETTY IMAGES/AFP

A iluminação sombria e a presença de fuzileiros adicionaram uma camada de dramatismo ao discurso.

Trump põe em risco a democracia, alerta Biden

EUA Presidente norte-americano muda de estratégia e num discurso sobre "a alma da nação", atacou o antecessor e os seus seguidores.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Joe Biden assumiu a presidência com a promessa de que iria sarar as feridas de uma sociedade cujo presidente cessante levara até um extremo nunca visto, ao desafiar os resultados das eleições, tentativa de insurreição incluída. Durante meses ignorou o antecessor, mas o tempo para concessões acabou. Na quinta-feira à noite deslocou-se a Filadélfia e, em frente ao edifício em que foi declarada a independência e escrita a Constituição, o presidente dos Estados Unidos fez um ataque cerrado a Donald Trump e aos seus seguidores, aos quais chama de MAGA (o mote Make America Great Again, traduzível como "tornar os EUA grandes de novo") ao afirmar que estes "representam um extremismo que ameaça as próprias fundações da república".

No discurso de 24 minutos, Biden reafirmou que está em curso "uma batalha sobre a alma da nação". Porquê? Porque, segundo o democrata, "o Partido Republicano é dominado, conduzido e intimidado por Donald Trump e pelos republicanos do MAGA", o que é "uma ameaça" para o país. "Os republicanos do MAGA não respeitam a Constituição. Não acreditam no Estado de direito. Não reconhecem a vontade do povo. Recusam-se a aceitar os resultados de uma eleição livre, e estão a trabalhar agora mesmo, enquanto falo, estado após estado, para dar poder de decisão eleitoral na América a militantes e acólitos, dando poder aos negacionistas eleitorais para minar a própria democracia". Por exemplo, no estado em que falava, Pensilvânia, o candidato a governador pelos republicanos, Doug Mastriano, participou na manifestação de 6 de janeiro junto do Capitólio. Se for eleito, promete nomear um secretário de Estado que defenda as suas ideias.

No discurso, pensado para ser transmitido em direto em horário nobre, mas do qual só foi mostrado o início nas estações do grupo Sinclair (proprietário de centenas de canais, muitos deles associados locais da ABC, NBC, CBS e Fox), Biden lembrou que, além do perigo que se joga à volta das urnas, há uma campanha a promover a violência política. Por exemplo, o senador Lindsey Graham, que chegou a condenar Trump pelos tumultos no Capitólio, disse agora que se, o ex-presidente for acusado criminalmente, haverá motins. "Não há lugar para a violência política na América, ponto final, nunca", sentenciou Biden, que pouco depois deixou outra frase forte: "Não podemos ser pró-insurretos e pró-americanos. Eles são incompatíveis." O presidente disse ainda que do outro lado, "as forças do MAGA estão determinadas" a levar o país "para trás, para uma América onde não há direito de escolha, não há direito à privacidade, não há direito à contraceção, não há direito a casar com quem se ama".

> Em frente ao edifício em que foi declarada a independência e escrita a Constituição, Biden lembrou que a democracia não é um dado adquirido.

O democrata deu o pontapé de saída para as eleições intercalares de novembro, nas quais o seu partido pode perder a maioria no Congresso. Enquanto Trump continua a ser notícia pelos piores motivos – as dezenas de documentos classificados encontrados na sua casa pelo FBI – Biden tem a apresentar uma recuperação económica, apesar da inflação, e as sondagens começam a refletir o alívio.

Os republicanos queixaram-se do tom do discurso e da apropriação de um edifício histórico e de fuzileiros, ao que os democratas recordaram que em 2020 Trump recebeu uma convenção dos republicanos na Casa Branca e, nela, estavam presentes fuzileiros.

cesar.avo@dn.pt

Kiev ataca base russa perto da central nuclear

GUERRA Ofensiva ucraniana prossegue a sul enquanto russos reforçam-se para tomar Donetsk.

Kiev anunciou ter bombardeado uma base russa na cidade de Enerhodar, perto da central nuclear de Zaporíjia, onde está uma equipa de inspetores das Nações Unidas. "Ataques direcionados pelas nossas tropas nas localidades de Enerhodar e Kherson destruíram três sistemas de artilharia do inimigo, bem como um depósito de munições", disse o exército ucraniano. O ataque inscreve-se na contraofensiva ucraniana a sul. Em Kherson, com a margem norte do rio Dniepre sem ligações rodoviárias ao sul, foram avistados helicópteros russos em operações de reabastecimento, enquanto as forças ucranianas continuam a alvejar paióis e outras instalações militares. Enquanto Kiev mantém um quase silêncio sobre as operações em curso, Moscovo, através de analistas, diz que o ataque é um fracasso.

Na frente leste, o Estado-Maior ucraniano disse que o presidente russo Vladimir Putin prorrogou o prazo para as forças russas capturarem toda a região de Donetsk de 31 de agosto para 15 de setembro, e que as forças russas estão a efetuar vários destacamentos para cumprir este objetivo. A Radio Free Europe teve acesso a imagens de comboios militares a dirigirem-se para o sul da Ucrânia através da ponte do estreito de Kerch. Segundo o Institute for the Study of War os reforços devem estar ao serviço da operação para tomar Donetsk. No entanto, de momento, não há indicações de que os russos estejam a ganhar terreno. **C.A.**

TELAM / AFP

Kirchner e a arma encravada

A vice-presidente da Argentina escapou a um atentado quando um homem, mais tarde preso, apontou uma arma e tentou atirar no rosto de Cristina Kirchner, mas o revólver terá ficado encravado. O agressor, de nacionalidade brasileira e com uma tatuagem nazi, esgueirou-se entre os apoiantes que a esperavam para manifestar solidariedade à ex-presidente, o que se repete todas as noites desde 22 de agosto, quando o Ministério Público pediu 12 anos de prisão num julgamento em que é acusada de fraude e corrupção.

avisos, tribunais e conservatórias

STIAC – SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA ALIMENTAR

SEDE: RUA ALEXANDRE HERCULANO, 23 - 2.º - 2005-181 SANTARÉM
TEL. 243 324 171 - FAX 243 324 059 | E-MAIL: STIAC@MAIL.TELEPAC

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA ELEITORAL

Em conformidade com o artigo 57.º e seguintes dos estatutos, a presidente da Assembleia Geral convoca a assembleia geral eleitoral do STIAC - Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Indústria Alimentar, a realizar no dia 3 de novembro de 2022, de forma descentralizada, com a seguinte ordem de trabalhos:

- **Ponto único:** eleição dos membros da Assembleia Geral e da Direção do Sindicato para o quadriénio 2022-2026.

Ao abrigo dos números 2 e 7 do artigo 62.º dos estatutos, as listas de candidatura terão de ser subscritas por pelo menos 20% dos associados do Sindicato no pleno gozo dos seus direitos sindicais e apresentadas no prazo de trinta dias a contar da data desta convocatória.
Ao abrigo do artigo 67.º dos estatutos, os locais e horários de funcionamento das mesas de voto serão divulgados oportunamente e afixados na sede do Sindicato e nas empresas com representação sindical.
Onde não existe mesa de voto, os associados podem votar na sede do Sindicato ou por correspondência.

Santarém, 3 de setembro de 2022

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Jorgina Maria Pereira Moraes

CARTÓRIO NOTARIAL DE RIO TINTO
LIC. JOSÉ GUILHERME OLIVEIRA
NOTÁRIO

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de trinta de agosto de dois mil e vinte e dois, exarada de folhas 101 e seguintes, do livro de notas n.º 173, deste Cartório:

A) **NÉLSON FRANCISCO DE ALMEIDA CARVALHO, NIF 225 229 463, e mulher, JACINTA BÁRBARA DOS SANTOS PEREIRA COSTA, NIF 215 408 632**, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais ambos da freguesia de Paranhos, concelho do Porto e residentes na Rua de Vila Verde, n.º 31, Edifício 6 - 2.º esq.º, em Valbom, Gondomar, portadores do cartão de cidadão n.º 11245682 0zx1, válido até 29/05/2031, e n.º 10766439 9zx4, válido até 29/05/2031, respetivamente.

B) **ALBERTO FLORINDO DE LIMA FALCÃO, NIF 150 797 818, viúvo,** natural da freguesia de Massarelos, concelho do Porto e residente na Rua Antero de Quental, 47, 5.º andar, hab. 5.1, em Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia, portador do cartão de cidadão n.º 03967339 1zx5, válido até 05/07/2028.

C) **MARIA ADELAIDE DE ALMEIDA CARVALHO DE SOUSA, NIF 119 575 272, e marido, ÁLVARO FILIPE PEREIRA DE SOUSA, NIF 155 979 140,** casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais, ela, da freguesia de Campanhã e ele da de Santo Ildefonso, ambas do concelho do Porto e residentes na Travessa Guerra Junqueiro, 447, em Fânzeres, Gondomar, portadores do cartão de cidadão n.º 05934634 5ZX6, válido até 23/12/2029, e n.º 06978020 0ZY3, válido até 17/09/2029.

D) **MARIA DA CONCEIÇÃO DE ALMEIDA CARVALHO, NIF 181 694 832**, divorciada, natural da freguesia de Campanhã, concelho do Porto e residente na Rua 18 de Abril, n.º 142, em Gondomar, portador do cartão de cidadão n.º 07993129 4zy7, válido até 03/08/2031, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do seguinte prédio:

Um prédio urbano constituído por um terreno com edifício destinado a armazém agrícola, sito na Rua do Meiral, 669, da freguesia de Campanhã ,concelho do Porto, com a área total de cento e quarenta e oito metros quadrados (148 m²), correspondendo setenta e cinco vírgula vinte metros quadrados a área coberta (75,20 m²) e o remanescente a área descoberta, **omisso** na Conservatória Predial do Porto e inscrito na respetiva matriz sob o artigo 12384 da freguesia de Campanhã, com o valor patrimonial e atribuído para efeitos deste ato de €14.210 (catorze mil duzentos e dez euros).

Que os primeiros outorgantes, Neélson, Alberto, Maria Adelaide e Maria da Conceição, adquiriram o referido imóvel em comum e na proporção de um quarto para cada um deles, inicialmente como rústico, em data que não conseguem precisar, mas no ano de mil novecentos e oitenta e quatro, no mês de janeiro.

Que o prédio foi-lhe doado por José das Neves Carvalho e Maria Amélia de Almeida Paninho, residentes que foram no Porto, em Campanhã, por contrato verbal e sem nunca o terem formalizado por escritura pública.

Que na data desta doação, os outorgantes Maria da Conceição e Nélson eram ainda solteiros.

Que os justificantes edificaram a expensas suas o prédio urbano agora existente.

Que esta posse foi adquirida e mantida sem violência e sem oposição, ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, agindo sempre por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, em nome próprio e com aproveitamento de todas as suas utilidades, nomeadamente cultivando os rústicos, colhendo os frutos, limpando-os e delimitando-os, fazendo a suas expensas a referida construção, quer usufruindo no todo o imóvel, quer pagando as respetivas contribuições e impostos que houvesse lugar pagar.

Que esta posse em nome próprio, pacífica, contínua e pública, desde o ano de mil novecentos e oitenta e quatro, conduziu à aquisição do referido prédio por USUCAPIÃO, que invocam, justificando o seu direito de propriedade para efeitos de registo, dado que esta forma de aquisição não pode ser comprovada por qualquer outro título formal extrajudicial.

Os proprietários declaram que a totalidade da construção erigida foi realizada durante a posse a expensas próprias dos usucapientes.

O presente extrato vai conforme o original, destina-se a publicação e está nos termos dos números um e dois do artigo cem do Código do Notariado.

Rio Tinto, 31 de agosto de dois mil e vinte e dois

O Notário
José Guilherme Martins Rodrigues de Oliveira

emprego

Australian Embassy in Portugal
CORPORATE SERVICES OFFICER AND DRIVER

WE ARE LOOKING FOR A MOTIVATED INDIVIDUAL TO JOIN THE AUSTRALIAN EMBASSY IN LISBON

The position will assist with administrative duties including property administration, fleet management, work health and safety and records management supporting the operation of the Australian Embassy in Lisbon.

The position will also perform driving duties for the Ambassador and embassy.

» Further details and to apply, visit:
https://www.amrislive.com/wizards_v2/ahc/vacancyView.php?&requirementId=641

FREGUESIA DE ALBUFEIRA e OLHOS DE ÁGUA

SELECIONA

1 TÉCNICO SUPERIOR
(m/f)

Consultar o *DR* – 2ª Série, aviso nº 17175/2022 de 01 de setembro de 2022

A oferta encontra-se publicitada na BEP em **www.bep.gov.pt**

O prazo de candidatura encerra a 15-09-2022

David Neres fez um grande golo e abriu caminho à reviravolta, consumada nos instantes finais.

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

ESTÁDIO DA LUZ (LISBOA)
ÁRBITRO FÁBIO VERÍSSIMO (LEIRIA)

BENFICA	VIZELA
2	1
VLACHODIMOS	FABIJAN BUNTIC
GILBERTO (74')	TOMÁS SILVA
OTAMENDI	BRUNO WILSON (45')
ANTÓNIO SILVA	ANDERSON JESUS
GRIMALDO	KIKI AFONSO
FLORENTINO LUÍS (67')	ALEX MÉNDEZ
ENZO FERNÁNDEZ (66')	RAPHAEL GUZZO (46')
DAVID NERES (90'+7)	SAMU SILVA
JOÃO MÁRIO	KIKO BONDOSO (80')
RAFA SILVA	OSMAJIC (66')
GONÇALO RAMOS	NUNO MOREIRA (66')
TREINADOR	**TREINADOR**
ROGER SCHMIDT	ÁLVARO PACHECO
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
FREDRIK AURSNES (66')	IVANILDO FERNANDES (45')
PETAR MUSA (67')	CLAUDEMIR (46')
ALEXANDER BAH (74')	ALVARADO (66')
DIOGO GONÇALVES (90'+7)	KEVIN ZOHI (66')
	DIEGO ROSA (80')

GOLOS: OSMAJIC (20'), DAVID NERES (76'), JOÃO MÁRIO (90'+12).

CARTÕES AMARELOS: RAPHAEL GUZZO (26'), OTAMENDI (42'), TOMÁS SILVA (45'+1), ENZO FERNÁNDEZ (51'), JOÃO MÁRIO (82' E 90'+13), AURSNES (84'), MENDEZ (86'), GONÇALO RAMOS (89' E 90'+1), DIEGO ROSA (90'+9).

CARTÕES VERMELHO: GONÇALO RAMOS (90'+1), JOÃO MÁRIO (90'+7).

Reviravola com boa dose de polémica mantém Benfica invicto

I LIGA Encarnados estiveram a perder com o Vizela, mas deram a volta com golos de Neres e João Mário, que deu o triunfo à equipa de penálti aos 101 minutos. Águias mantêm-se na liderança.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Mais uma reviravolta e mais um triunfo. Ontem, pela segunda vez esta época e em jogos consecutivos no Estádio da Luz, o Benfica esteve a perder, mas acabou por ganhar, desta frente ao Vizela, por 2-1. O golo do triunfo foi marcado aos 101 minutos de jogo, por João Mário na transformação de um penálti envolto em polémica. Para a história fica a nona vitória da época em nove jogos da equipa de Roger Schmidt, num jogo em que terminou com nove jogadores em campo, depois das expulsões de Gonçalo Ramos e João Mário (por tirar a camisola nos festejos). Ambos falham a deslocação a Famalicão na sexta jornada.

Com os mais recentes reforços Julian Draxler e John Brooks ao lado de Rui Costa na tribuna presidencial do Estádio da Luz, o Benfica entrou em campo com duas alterações no onze em relação ao encontro com o Paços de Ferreira. Gilberto voltou ao lado direito da defesa por troca com Alexander Bah e o jovem António Silva rendeu o lesionado Morato.

E não foi um início de jogo fácil para o Benfica. O Vizela defendia com linhas muito juntas, tapando caminhos e roubando espaço aos criativos das águias. Aos 20 minutos os vizelenses aproveitaram um contra ataque, que os encarnados não conseguiram anular à nascença, com Kiko Bondoso a lançar Osmajic em velocidade, que rematou forte e bateu um mal colocado Vlachodimos.

Golaço de David Neres

O intervalo chegou com as águias em desvantagem, muito por culpa dos postes da baliza de Fabijan Buntic. Se aos dez minutos o ferro impediu o golo de Gonçalo Ramos, aos 38' não quis que Rafa empatasse o jogo. Ir para o intervalo a perder e sem marcar qualquer golo foi uma novidade para uma equipa que até ontem tinha marcado no mínimo dois golos na primeira parte.

Roger Schmidt voltou do intervalo com o mesmo onze, confiando assim nas escolhas iniciais para chegar ao empate. Rafa liderou a missão, mas Buntic não lhe permitiu fazer o golo. O Benfica ganhou balanço, mas o Vizela não foi na conversa e não se desorganizou, sem perder o sentido de baliza. Osmajic dava grandes dores de cabeça ao jovem António Silva e teve duas oportunidades de golo em dois minutos antes de se lesionar e obrigar Álvaro Pacheco a nova mudança forçada na equipa.

O jogo entrou numa fase frenética com várias oportunidades de golos. Aos 63' novo duelo Buntic-Gonçalos Ramos e nova vantagem para o guarda-redes vizelense. Para dar companhia ao camisola 88, Schmidt fez uma alteração estrutural com a saída dos dois médios que têm sido titularíssimos – Florentino e Enzo – para meter Peter Musa e entregar o meio campo ao reforço, Fredrik Aursnes.

O empate chegou pelos pés de David Neres aos 76 minutos. Um golaço do brasileiro, que fez a diferença assim que acordou para o jogo. Depois seguiu-se uma intensa procura pelo golo da reviravolta. Missão dificultada pela expulsão de Gonçalo Ramos, que viu dois cartões amarelos em escassos minutos. Uma decisão polémica de Fábio Veríssimo, que promete animar as discussões de café. Assim como o penálti que deu o triunfo ao Benfica aos 101 minutos e que mantém a equipa 100% vitoriosa neste arranque de temporada.

isaura.almeida@dn.pt

"Foi uma belíssima vitória. Hoje tivemos de lutar até ao último minuto, a equipa demonstrou muita alma para conseguir a vitória, que acabou por ser muito merecida."

Roger Schmidt
Treinador do Benfica

"Fomos fantásticos frente a uma equipa com excelente dinâmica. Acabámos por perder com um penálti inexistente e já passava da hora. Saio daqui muito pequenino."

Álvaro Pacheco
Treinador do Vizela

Inglaterra bate todos os recordes do mercado. Portugal com novo máximo

TRANSFERÊNCIAS Os clubes da Premier League gastaram 2244 milhões de euros na janela de verão, quase tanto como a soma do que foi investido nas outras *Big* 5 – Espanha, Alemanha, França e Itália. Os emblemas portugueses investiram 170 milhões em reforços.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

A Premier League voltou a fazer uma enorme demonstração de poder económico no mercado de transferências que encerrou na quinta-feira à noite. É que, de acordo com os dados disponibilizados pelo *site* transfermarkt.com, os clubes do principal escalão do futebol inglês investiram qualquer coisa como 2244,9 milhões de euros em futebolistas, um montante que bate todos os recordes mundiais numa só temporada, ou seja, ainda sem contabilizar com a janela de inverno, que vai decorrer no mês de janeiro.

A supremacia da Premier League em relação aos outros campeonatos que se disputam em todo o mundo é de tal ordem que as outras quatro ligas que compõem as *Big* 5 – Espanha, Alemanha, Itália e França – gastaram, juntas, 2292 milhões de euros, ou seja, apenas mais 48 milhões de euros do que Inglaterra sozinha.

Curioso é que, desde 2014/15, o valor investido no verão pelos emblemas da Premier League ultrapassou sempre os mil milhões de euros, sendo que a janela terminou na quinta-feira e ultrapassou pela primeira vez os dois mil milhões de euros. Se tivermos em consideração as últimas 10 temporadas, apenas no verão de 2019/20, a última janela antes do início da pandemia, houve uma aproximação de Espanha e Itália em relação a Inglaterra. É que nessa altura os clubes ingleses investiram no total 1543 milhões de euros, tendo os espanhóis atingido os 1376 milhões e os italianos chegado aos 1225 milhões, registos que representam ainda hoje recordes naqueles campeonatos. Aliás, essa foi a única vez que a Liga espanhola superou os mil milhões de euros, enquanto essa marca foi superada mais duas vezes pela série A italiana (2017/18 e 2018/19). Alemanha e França nunca atingiram essa barreira, tendo como máximos, respetivamente, 748 milhões e 713 milhões de euros, também naquela que pode ser considerada a janela gorda de verão, antes do início da pandemia de covid-19, no inverno de 2020 na Europa.

> O recorde de investimento dos clubes da I Liga foi compensado pelos 432,3 milhões de euros que encaixaram com a venda de futebolistas.

Numa fase que se pode já considerar de pós-pandemia, os clubes ingleses mostram uma força económica que nada tem a ver com os outros, porque a recuperação tem sido bastante rápida e vertiginosa, pois deixam bastante longe os emblemas que compõem a série A italiana, que no total chegaram aos 749 milhões de investimento este verão, deixando para trás a Ligue 1 francesa, que atingiu os 554 milhões de euros de investimento, e a La Liga espanhola, que se ficou pelos 505 milhões, pouco mais do que os 484 da Bundesliga.

I Liga investiu 170,8 milhões

Longe, muito longe deste volume de investimentos está a I Liga portuguesa, que, no entanto, bateu nesta janela de verão o seu recorde de investimento, atingindo os 170,8 milhões de euros, dos quais 62,3 milhões foram gastos pelo Benfica, 48 milhões pelo FC Porto, 41,9 milhões pelo Sporting e 17,75 milhões pelos restantes 15 clubes que compõem o campeonato.

Curiosamente, o anterior recorde de investimento em Portugal tinha sido batido no verão de 2020/21, quando foram atingidos os 169 milhões de euros em plena pandemia, algo que se explica com o facto de, na altura, o Benfica ter feito o maior investimento da sua história, na ordem dos 115 milhões de euros.

Este recorde de investimento dos clubes da I Liga foi, no entanto, compensado pelos 432,3 milhões de euros encaixados com a venda de futebolistas, com a maior fatia a pertencer ao Benfica, com 127,3 milhões, seguido pelo Sporting, que faturou 119,8 milhões, e o FC Porto, que encaixou 86 milhões. Refira-se que os restantes 99,2 milhões de euros foram divididos pelos restantes 15 emblemas.

Na lista dos clubes que mais dinheiro receberam com transferências de jogadores, águias e leões surgem no terceiro e quarto lugares, respetivamente, apenas atrás do Ajax (216,2 milhões de euros) e do Manchester City (159,9 milhões). O FC Porto surge apenas no 14.º lugar, de acordo com os dados do Transfermarkt.

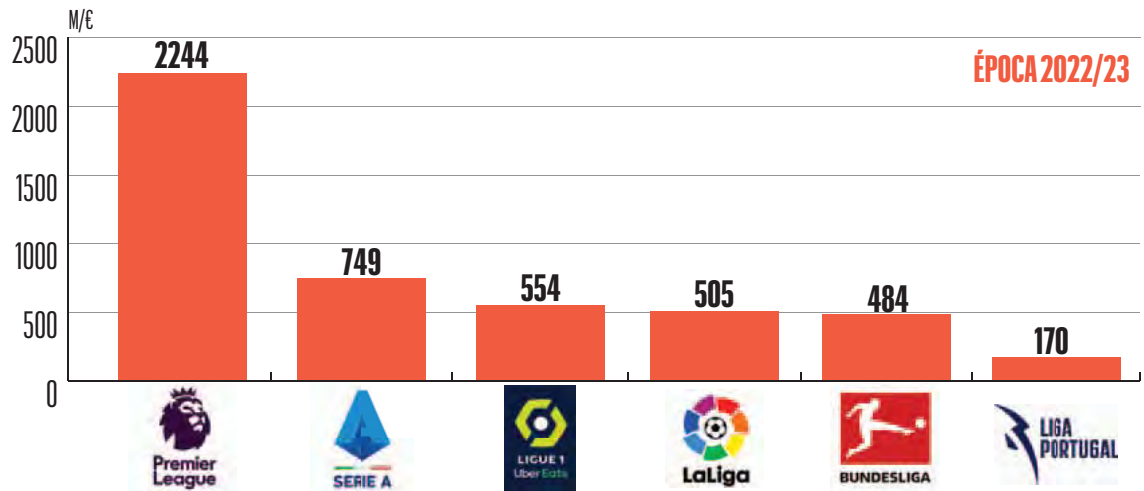
No polo oposto surge o Chelsea, que este verão investiu 281,9 milhões de euros, seguido pelo Manchester United (238 milhões), West Ham (182 milhões), Tottenham (169,9 milhões) e Nottingham Forest (161,9 milhões). Só em sexto e sétimo lugares surgem os primeiros clubes fora da Premier League: Barcelona, com 153 milhões investidos, e Paris Saint-Germain, com 147,5 milhões.

Refira-se ainda que o Chelsea e o Manchester United são os clubes que apresentam maior desequilíbrio entre compras e vendas de jogadores, com saldos negativos de 227,2 e 226,5 milhões de euros, respetivamente. O primeiro clube não inglês neste *ranking* é o Barcelona, com um saldo negativo de 115 milhões.

carlos.nogueira@dn.pt

M/€

ÉPOCA 2022/23

Liga	M/€
Premier League	2244
Serie A	749
Ligue 1 Uber Eats	554
LaLiga	505
Bundesliga	484
Liga Portugal	170

Época	Milhões de euros (M/€)					
	INGLATERRA	ITÁLIA	FRANÇA	ESPANHA	ALEMANHA	PORTUGAL
2021/22	1337	622	401	301	425	87
2020/21	1449	877	448	389	337	169
2019/20	1543	1225	713	1376	748	150
2018/19	1446	1206	636	936	483	95

UEFA ameaça excluir FCP da Europa

A UEFA emitiu ontem um comunicado no qual diz que o FC Porto "falhou ligeiramente" os objetivos que estavam traçados para o cumprimento das regras do *fair-play* financeiro, razão pela qual o Comité de Controlo Financeiro de Clubes da UEFA decidiu aplicar uma multa de 100 mil euros, garantindo que os dragões serão excluídos das competições europeias nas próximas três temporadas.

Para evitar essa exclusão, o Comité de Controlo Financeiro diz que é necessário que "o resultado de equilíbrio agregado do clube para os exercícios de 2019, 2020, 2021 e 2022 esteja em conformidade com o requisito de equilíbrio".

O FC Porto reagiu de imediato a este comunicado da UEFA, garantindo que, "tendo em conta os bons resultados da época finda, a FC Porto SAD congratula-se por poder informar que já conseguiu superar as metas estabelecidas pelo acordo, o que será formalmente transmitido às instâncias competentes no próximo mês de outubro".

Antes de ser conhecida esta notícia, que volta a colocar o FC Porto sob vigilância apertada da UEFA, o treinador, Sérgio Conceição, abordou o facto de no fecho do mercado de transferências ter recebido apenas o guarda-redes Samuel Portugal, contratado ao Portimonense. "Os treinadores querem sempre mais. O que tenho a fazer como empregado do clube é treinar os jogadores que tenho à disposição e fazer o máximo. Tenho muita confiança neles, estou plenamente convicto de que estaremos à altura das exigências deste clube e dos nossos objetivos", disse o técnico portista na antevisão ao jogo deste sábado (20h30, Sport TV1) em Barcelos, com o Gil Vicente, no qual quer que a sua equipa "faça o que não fez no último jogo", em Vila do Conde, com o Rio Ave, no qual saiu derrotada por 3-1.

João Botelho
“Aprendi com o Sr. Pessoa que a minha pátria é a língua portuguesa”

CINEMA A primeira longa-metragem de João Botelho, *Conversa Acabada*, surgiu em 1981. Daí até ao recente *Um Filme em Forma de Assim*, o cineasta percorreu um caminho em que as formas do cinema nascem quase sempre de uma relação criativa com a literatura. Agora que a sua obra pode ser vista em retrospetiva na Cinemateca (até ao final de setembro), revisitamos com ele temas e silêncios da história portuguesa.

ENTREVISTA **JOÃO LOPES** FOTOGRAFIA **PAULO ALEXANDRINO/GLOBAL IMAGENS**

A retrospetiva dos teus filmes na Cinemateca tem um título que tu próprio escolheste: “Os filmes são histórias, o cinema é o modo de as filmar”. Queres explicar?
Quero, é muito simples. Cito sempre o exemplo da *Madame Bovary*. Conheço várias adaptações ao cinema do romance de Gustave Flaubert: uma do Renoir, outra do Minnelli, outra ainda do Oliveira (a “Bovary do Douro”, ou seja, *Vale Abraão*). São filmes maravilhosos e são filmes diferentes tendo o mesmo texto como ponto de partida. Portanto, o cinema é, não as histórias, mas o modo de filmar as histórias. Gosto do cinema que se distancia das histórias, filtrando-as de maneira diferente.

Hoje em dia, face aos filmes, é comum as pessoas citarem imensos pormenores de uma história, sem referir, por exemplo, que a certa altura vemos um rosto em grande plano ou um plano geral de uma paisagem...
... ou onde está a câmara, ou que tipo de luz há neste ou naquele espaço. Nos meus filmes, a partir de certa altura, tive o cuidado de mostrar o artifício. Por exemplo, na abertura d'*Os Maias*, tenho o Jorge Vaz de Carvalho – e não é gratuitamente que tenho um cantor de ópera – a ler o início do romance, mostrando atrás dele a parafernália que vou utilizar no filme: desenhos, guarda-roupa, cabeleiras... Está tudo exposto. Tenho sempre o cuidado de mostrar que aquilo é um espetáculo, tudo o que está no ecrã é falso. Já matei uma série de personagens nos meus filmes... e depois tomo café com eles.

É suposto o espectador saber que é um espetáculo?
Sim, e por isso tenho uma enorme inveja da ópera, em que todo o artifício do espetáculo está exposto. Podes ter uma senhora de 100 quilos, com 60 anos, a interpretar uma adolescente – se cantar bem, se representar bem, vais às lágrimas! Isso tem-me levado a experimentar coisas como, por exemplo, filmar o canto, não em *playback*, mas em direto.

Foi o que aconteceu na longa-metragem mais recente, *Um Filme em Forma de Assim*.
Exatamente. A música foi filmada em direto, em planos-sequência – a música não está “por baixo”, passa a ser a matéria mais importante. Isso é uma derivação de uma ideia que em tempos formulei e à qual me mantenho fiel: a palavra como matéria, o texto como personagem.

Já adaptaste, entre outros, Almeida Garrett (*Quem És Tu?*), Agustina Bessa-Luís (*A Corte do Norte*), Eça de Queirós (*Os Maias*). Alguma vez sentiste que o próprio texto resistia à tua vontade de o transformar em coisa cinematográfica?
Sempre, o texto ganha sempre.

Ganha? Em que sentido?
O texto é sempre mais forte que o cinema. A única coisa que eu pos-

so fazer é uma apropriação, uma espécie de violação do próprio texto. Por exemplo, houve quem achasse que n' *Os Maias* a minha Maria Eduarda era muito frágil, como se estivessem à espera da Laura Antonelli a fazer uma personagem intensamente sexual. O certo é que, para mim, essa fragilidade era mais violenta, tornando o incesto ainda mais obsceno. Ao mesmo tempo, nos últimos filmes, por exemplo com o texto do Alexandre O'Neill em *Um Filme em Forma de Assim*, não acrescentei uma palavra – é um trabalho de "corta e cola"...

Há aí um paradoxo: preservas o texto mas reconheces que aquilo que estás a criar é totalmente outra coisa, o que pode dar origem a outro paradoxo. Não receias que os puristas considerem que atraiçoaste o texto?

Não atraiçoei. Cortei e colei, fiz o meu filme. Por exemplo, quando fiz *Tempos Difíceis*, segundo Charles Dickens, tirei-lhe a carne, ficou o osso: tudo o que era melodrama desapareceu, ficou a luta de classes.

É um trabalho semelhante à montagem?

É igual. Aprendi com o Sr. Godard.

Diz-se, por vezes, que esse regresso aos textos pode contribuir para que as pessoas leiam mais. Achas que será assim?

Sem dúvida. Com *Os Maias* foram mais 50 mil exemplares que se venderam.

Toda essa integração de textos justifica que se diga que, enquanto cineasta, és também um historiador. Podemos lembrar o exemplo de *Um Adeus Português*, em 1986...

Com esse filme fui pioneiro na abordagem da Guerra Colonial. Mas não é exatamente sobre a guerra… é sobre o luto da morte e o silêncio dos portugueses.

Silêncio?

Quando há acontecimentos graves, os portugueses não gritam, calam-se. Tive experiências dessas na minha família, como não se falar de quem morreu. Os portugueses metem o luto cá para dentro. Já não é bem assim, mas a nossa história é feita muito disso, desse silêncio. Não gosto dos filmes de consolação, gosto dos filmes que inquietam, capazes de colocar perguntas – e quem responde são as pessoas que vão ver os filmes.

Faz sentido dizer que aquilo que filmas é também um certo luto por um Portugal utópico que não vai voltar?

Para mim, sim. Quando fiz a *Conversa Acabada*, o que era importante para um puto como eu, que estava a começar, era o modernismo português: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Amadeo de Souza Cardoso, Almada Negreiros. Eram minoritários, mas tudo aquilo tinha qualquer coisa de grandioso, em paralelo com o que se estava a passar na Europa. Depois, aprendi com o Sr. Pessoa que a minha pátria é a língua portuguesa.

É verdade que, além da literatura, a pintura, a matéria pictórica, é para ti igualmente importante?

Sim, claro. No início, o facto de eu ter sido também gráfico, podia funcionar como uma espécie de acusação... Acontece que o ecrã é como uma folha branca: temos de pôr coisas lá dentro. Censuravam-me o facto de os planos serem tão concebidos, a ponto de se perder a sequência. Mas isso tinha também que ver com os atores: eu gostava mais dos não-atores, tinha medo dos atores. Agora já não tenho, ponho-lhes a mão, abraço-os, mas antes tinha medo. Seja como for, sempre me defini como um cineasta do tempo e da palavra, não da montagem nem da ação. Na verdade, a minha montagem faz-se logo durante a filmagem: aquilo só cola de uma maneira, se um plano está mal, a sequência vai toda ao ar! Quando escrevo um argumento, já sei como vou filmar – o que tem também que ver com a economia, com aquilo que chamo o processo teatral. Não vale a pena filmar, filmar, filmar... Faço como no teatro: ensaio primeiro, trabalho um mês com os atores e filmo rapidamente. Torna tudo mais barato.

> *"Sempre me defini como um cineasta do tempo e da palavra."*

> *"Tenho uma enorme inveja da ópera, em que todo o artifício do espectáculo está exposto."*

> *"O Sr. Oliveira ensinou-me que, não havendo dinheiro para a carruagem, então filmas a roda... mas filmas bem a roda!"*

A partir de certa altura, esse sistema de fazer filmes parece tornar-se indissociável do produtor Alexandre Oliveira e da empresa Ar de Filmes.

É verdade. Existe entre nós um acordo pensado em função dos limites dos orçamentos e das necessidades de cada filme. Eu inventei uma ideia de serviço público no cinema português. Se só há filmes com o apoio do Estado, então temos de devolver alguma coisa. Por exemplo, com o *Filme do Desassossego*, feito a partir de Fernando Pessoa, andei de terra em terra, fiz 170 projeções... Com os mais jovens, fiz apresentações que não eram exatamente para explicar o filme, mas sim para os ajudar a perceber o que é o cinema.

Que futuro poderemos esperar?

Lembro-me, quando apareceu a televisão, de ver coisas coletivamente. Depois, cada um começou a ter a sua televisão no quarto. Depois, vieram os computadores, agora temos os telemóveis e isso produziu uma certa uniformização da imagem e do som. Os jovens vão ver filmes com três mil planos... Será que ainda vês algum plano? Não vês nada. E os 10 mil efeitos sonoros? Não ouves nada. Agora o que mais me inquieta é que a relação de muitos jovens com o ecrã não é com o cinema, mas os telemóveis. Já me aconteceu ir a uma sala de cinema e há quem não esteja a olhar para o ecrã, mas para "isto"... Têm medo daquela coisa grande que é o ecrã.

Agora, na retrospetiva da Cinemateca, há uma secção ("Carta Branca") para a qual escolheste uma série de filmes de cineastas que te marcaram especialmente: John Ford, Robert Rossellini, Manoel de Oliveira, Jean-Luc Godard, etc. Que aprendeste com esta gente toda?

Aprendi muito. A começar pelo Sr. Oliveira, que me ensinou que, não havendo dinheiro para a carruagem, então filmas a roda... mas filmas bem a roda! Ou o Ford, com quem aprendi que, se mexes a câmara, não mexas os cavalos, senão distrais as pessoas... É a ideia de filmar o essencial – gosto dos ascetas.

dnot@dn.pt

Graciano Dias e Maria Flor n' *Os Maias* (2014): cinema *versus* literatura.

O romantismo nunca existiu

A filmografia de João Botelho (nascido em Lamego em 1949) é feita de muitos saltos e sobressaltos. Aí encontramos a sedução visceral de Fernando Pessoa – de *Conversa Acabada* (1981) a *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (2020), passando pelo *Filme do Desassossego* (2010) – a par da crueza burlesca de *Tráfico* (1998) ou da ágil contemplação das "outras artes", como acontece em *Quatro* (2014), viajando pelos universos de quatro artistas do "visual" e, por certo, para muitos espectadores, uma das revelações da retrospetiva que a Cinemateca lhe está a dedicar (com sessões diárias até 30 de setembro).

Dir-se-ia que as obras literárias, as personagens e as epopeias portuguesas que Botelho vai visitando – incluindo, importa não esquecer, a gesta de Fernão Mendes Pinto em *Peregrinação* (2017) – definem um impulso suavemente romântico. Mesmo através das convulsões mais angustiadas – lembremos a fascinante reinvenção do Frei Luís de Sousa, de Almeida Garrett, em *Quem És Tu?* (2001), filme assombrado pela pintura de El Greco – pressentimos um mais além capaz de redimir os pecados das personagens e os vícios do espectador e do espetáculo.

> Botelho percorre a paixão de ser português como uma aventura que não desemboca em nenhum final redentor.

É uma ilusão magoada, esse romantismo que, afinal, já ninguém personifica. A reconversão cinematográfica d' *Os Maias* (2014), de alguma maneira exponenciando as ambivalências da escrita queirosiana, será um exemplo modelar. Botelho percorre a paixão de ser português como uma aventura que não desemboca em nenhum final redentor – talvez porque, na nossa aprendida vulnerabilidade, não queremos que acabe.

Vale a pena ver ou rever o trabalho de Botelho, a par dos filmes, por ele escolhidos, dos mestres que o têm acompanhado. Aí encontraremos quem consegue filmar um drama de tribunal como o nascimento de uma ideia de nação: penso no sublime *Young Mr. Lincoln* (1939), de John Ford. E também quem sabe viver o cinema como a mais privada das artes, mas capaz de mobilizar os enigmas de estar vivo e filmar: veja-se a sessão em que serão projetados *Passion*, *Le Travail et l'Amour* (1982) e *JLG par JLG* (1984), dois metódicos exercícios confessionais de Jean-Luc Godard.

Como complemento, convém não esquecer que o ciclo terá um catálogo, a ser apresentado em sessão especial. Com a presença de João Botelho, essa sessão está marcada para o dia 26, às 18h00, na esplanada da Cinemateca. **J.L.**

Todd Field fez uma obra para servir uma atriz, Cate Blanchett. *Tár* é um novo feito para a melhor atriz da sua geração.

MARCO BERTORELLO / AFP

Cate Blanchett e o choque de Romain Gravas

FESTIVAL A 79.ª edição do Festival de Veneza aplaudiu uma insuperável Cate Blanchett em *Tár*, em breve nas salas portuguesas, mas da Netflix chegou outro filme com "perigo", *Athena*, crónica do pior pesadelo social desta França. Trata-se de um petardo do indomável Romain Gravas.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**, EM VENEZA

A competição em Veneza está ao rubro. Surgem boas notícias do Lido da seleção principal. É oficial que *Tár*, fábula sobre uma maestrina ou maestro (esse é um dos tópicos que se propõe), tem a qualidade que se previa numa obra assinada por Todd Field, e também há que soltar foguetes no cinema francês: Romain Gravas faz um novo *La Haine/O Ódio* para esta geração com o potente *Athena*.

Começando com o título da *major* Universal, *Tár*, o que se pode desde logo pensar é em Óscares. O que Cate Blanchett faz neste regresso do realizador do belíssimo *Pecados Íntimos* (2006) é de uma magnitude insuperável. Um dos maiores desempenhos de uma atriz num filme americano em muitos anos, ela que já ganhou duas estatuetas e é sempre nomeada. Aqui a interpretar uma mulher de poder, uma maestrina que se torna uma lenda viva da música clássica e uma referência do poder feminino nestes dias. O filme é sobre isso mas também sobre género e o papel do poder feminino em tempos de movimentos do novo feminismo. Tár, assim se chama ela: parecer ter tudo: fama, dinheiro, respeito, a direção da orquestra de Berlim e, mais importante, opinião. A dada altura, algo parece contaminar o seu poder: uma jovem de uma relação extraconjugal suicida-se e há também um vídeo viral onde parece que numa aula Tár exagera num discurso contra os novos caminhos do politicamente correto em termos de acertos de conta com o passado. Todos esses acontecimentos montam uma escalada de acusações, onde se pressente que o seu papel de ícone é montado através de abuso de poder e de uma corrupção moral condenável. Do céu ao inferno, a heroína loura torna-se numa vilã sociopata, numa Joker que pode ser a pior pessoa do mundo. E nessa torrencial descida e queda há uma Cate Blanchett sem medo do histrionismo. Uma mulher sob uma influência de pesadelos negros, consumida por um medo que lhe come a alma, figura de um egocentrismo desta época.

> O que Cate Blanchett faz neste regresso do realizador do belíssimo *Pecados Íntimos* é de uma magnitude insuperável. Um dos maiores desempenhos de uma atriz num filme americano em muitos anos, ela que já ganhou duas estatuetas.

Ao contrário do rigor de *Vidas Privadas*, o filme de estreia de Field, em *Tár* parece funcionar sempre uma extravagância narrativa que surpreende, mesmo quando o tom é sempre austero, nomeadamente nas detalhadas conversas sobre a fixação da personagem: Leonard Bernstein, ou, ainda mais flagrante, nos momentos da orquestra – a música entra para dentro do espaço dramático.

Ensaio sobre as regras do novo desenho moral destes dias, das redes sociais às lógicas dos estandartes do peso do poder feminino, *Tár* é sobre a inversão dos poderes. E se, afinal, uma mulher pudesse pecar e contaminar o poder como um homem?! Esta mulher da música é uma espécie de Harvey Weinstein, subverte a lógica. Ao mesmo tempo, Field está também a explorar a força irónica do cinismo numa intriga que tece juízos sobre a feminilidade tóxica. Só se lamenta que nesse processo haja um grau de controlo demasiado sufocante. Todd Field amestra tudo um pouco demais, ainda que seduza no seu fascínio pelos meandros do universo contemporâneo da música clássica.

Outro filme para polarizar

Choque frontal também com o cinema que vem da mente de Romain Gravas, filho de Costa Gravas e *enfant terrible* que em cada filme faz manguitos agressivos a um certo cinema francês académico. *Athena*, assim se chama esta odisseia sobre um cerco a um bairro francês da periferia, é porventura o seu melhor filme, aperfeiçoando o que já prometia em *O Dia Chegará*, a obra de estreia. Tudo se passa quando jovens dos subúrbios se aliam e atacam uma esquadra, roubando material de fogo. Em causa estão os protestos face à morte de uma criança do bairro, supostamente às mãos de oficiais da polícia. Três irmãos de origem magrebina acabam por se confrontar nesse violento cerco: um polícia, um *dealer* e um instigador. Pelo meio, um jovem polícia recém-pai é feito refém. A França fica em risco de uma guerra civil violenta e explosiva.

Cinema antifascista puro e duro, *Athena* é um *tour-de-force* sobre a violência civil numa sociedade de descontentamento constante. De alguma forma, Gravas, com a ajuda no argumento de Ladj Ly (o realizador d' *Os Miseráveis*), está a propor uma distopia ultraviolenta de uma ideia de fim da França. Trata-se do tal novo ódio, aquele que Matthieu Kassovitz há quase 30 anos, em *O Ódio*, já explorava. Uma explosão que, além de ódio, é um ato de revolta perante um estado de coisas e cujos alvos vão dos movimentos de extrema-direita à segregação do governo, não faltando a brutalidade policial. É claro que pode ser acusado de câmara-pavão: muita grua, planos-sequência constantes e *steady-camera* em *overdose*, mas na verdade são os utensílios para uma nova, novíssima atitude de propor o contacto físico em cinema. Com *Athena* vamos para os confrontos de forma literal, sentimos o fogo em cima dos nossos olhos, acreditamos nesta barbárie. Esta é a nova ordem do cinema choque francês. Em breve para testemunhar na Netflix.

Mas porque em Veneza tudo é contraste, sai-se da sala e num encontro com Timothée Chalamet, em breve para ler neste jornal, ficamos a saber que um dos atores mais adorados do cinema de Hollywood é fanático de David Bowie e acha que *Bones and All*, antes de ser um filme *gore* sobre canibais, é uma história de amor. Tem toda a razão do mundo. Esta obra de Luca Guadagnino continua a ser o melhor filme até agora da competição e a histeria das jovens no tapete vermelho foi prova que Chalamet é uma estrela de cinema como há muito o cinema americano não criava...

dnot@dn.pt

RICH FURY / GETTY IMAGES NORTH AMERICA / VIA AFP

Feist abandona digressão com Arcade Fire

MÚSICA Em causa estão alegações de abusos sexuais cometidos pelo vocalista da banda, Win Butler. Lisboa recebe os Arcade Fire a 22 e 23 de setembro.

A cantora Feist decidiu abandonar a digressão com a banda canadiana Arcade Fire, que vai passar por Lisboa nos dias 22 e 23 de setembro, no Campo Pequeno, dias depois de terem vindo a público alegações de abusos sexuais cometidos pelo vocalista do grupo, Win Butler.

Depois de atuar nos primeiros dois concertos da digressão, em Dublin, Irlanda, a artista publicou um comunicado nas redes sociais no qual salientou que "continuar na digressão simbolizaria que estava a defender ou a ignorar o mal causado por Win Butler e sair implicaria que era juiz e júri". "Nas últimas duas noites em palco, as minhas canções tomaram a decisão por mim. Ouvi-las através desta lente era incongruente com o que tenho trabalhado por clarificar para mim mesma ao longo de toda a carreira. Sempre escrevi canções para nomear as minhas próprias subtis dificuldades, ambicionar o meu melhor ser e reclamar responsabilidade quando é preciso. Estou a reclamar a minha responsabilidade agora e vou para casa", escreveu a artista, que tinha dezenas de datas marcadas com os Arcade Fire pela Europa, incluindo as duas atuações em Lisboa.

A publicação digital *Pitchfork* escreveu que três mulheres alegaram ter tido interações sexuais com Win Butler que sentiram como inapropriadas. Refere ainda uma quarta pessoa, que alega que foi agredida sexualmente pelo cantor duas vezes em 2015. Em resposta à publicação, Butler confirmou as interações sexuais, mas defendeu que foram consensuais.

Festival da Canção vai ter quatro temas por concurso

MÚSICA Num total de 20 temas, 16 vão ser por convite da RTP. Organizadora do evento confirmar presença no Eurofestival em maio de 2023, no Reino Unido.

O Festival da Canção volta a ter em 2023 vinte temas a concurso, 16 por convite da RTP e quatro escolhidos por concurso, cujas candidaturas abriram ontem, anunciou a estação pública. "A receção de canções originais e inéditas está aberta a partir de hoje [ontem] e até ao dia 21 de outubro", refere a RTP num comunicado, no qual confirma a participação de Portugal no Festival Eurovisão da Canção 2023, marcado para maio no Reino Unido.

A RTP relembra que "poderão concorrer a estes quatro lugares todos os cidadãos de nacionalidade portuguesa ou residentes no nosso país, incluindo os portugueses que vivem fora de Portugal, bem como cidadãos de outras nacionalidades residentes em Portugal". O tema que venceu este ano o Festival da Canção foi *Saudade Saudade*, composto e interpretado por Maro, que representou Portugal no Festival Eurovisão da Canção, em maio em Itália, onde conseguiu o nono lugar.

PUBLICIDADE

DN, 3/9/2022

LCPREMIUM

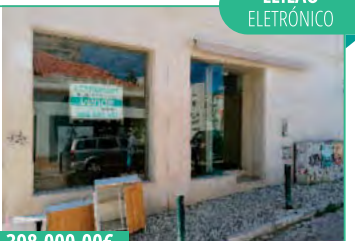
TODAY, TOMORROW IT´S TIME FOR BUSINESS

OPORTUNIDADE DE INVESTIMENTO

LEILÃO ELETRÓNICO

TERMINA DIA/HORA:
07.09.2022 ÀS 17H

VISITAS/MARCAÇÃO VIA EMAIL/SMS

Gestor: Pedro Lemos 966 683 481 (chamada para a rede móvel nacional)

VALOR MÍNIMO:
€ 2.500.000,00

ALMADA
CHARNECA DE CAPARICA

- Quinta do Texugo
  Rua Helena Félix 39 A
- GPS: 38.623500, -9.202698
- Excelente Localização

Área Bruta Privativa
Total: 1.269,23 m²

Residência composta por:

- 19 Quartos C/ WC Privativo
- Salas de Estar
- Sala de Máquinas
- Lavandaria
- Farmácia
- Gabinete Médico
- Cozinha

TRANSMISSÃO DE QUOTAS (4 PARTICIPAÇÕES SOCIAIS NO VALOR NOMINAL DE 1.250,00€ CADA) DA SOCIEDADE SABERINVESTE - LAR PARA IDOSOS LDA.
NIPC 506 329 216 COM DOMICÍLIO NA RUA HELENA FÉLIX 39-A, QUINTA DO TEXUGO, CHARNECA DA CAPARICA
PATRIMÓNIO DA SOCIEDADE COMPOSTO POR: IMÓVEIS, BENS MÓVEIS E LICENÇA DE FUNCIONAMENTO

REGULAMENTO, CONDIÇÕES E CATÁLOGO DA VENDA DISPONÍVEIS EM LCPREMIUM.PT

COVILHÃ
Transversal do Sítio do Espertim,
Ap. 98 Centro Cívico 6200-815 Covilhã

LISBOA
Rua Padre Américo, 19 B - 1 to.
1600-548 Telheiras

FUNCHAL
Avenida Arriaga n., Sal 4 50,
9000-060 Funchal

APOIO AO CLIENTE:

(Chamada através de rede fixa/móvel: 0,09€ / 0,13€)
lcpremium.pt e:info@lcpremium.pt

PUBLICIDADE

OPORTUNIDADE DE INVESTIMENTO

DN, 3/9/2022

LEILÃO ELETRÓNICO

TERMINA DIA/HORA:

15.09.2022 ÀS 16H

VISITAS/MARCAÇÃO VIA EMAIL/SMS

Gestor: Alfredo Calado 916 692 320 (Chamada para a rede móvel nacional)

VALOR BASE:
€ 550.000,00

POMBAL

- Excelentes Acessos Ic2

ÁREA TOTAL:
13.542,00 M2

ARMAZÉM COM LOGRADOURO / HABITAÇÃO T5

Armazém Com Logradouro

- **Local:** Pelariga, Fontinha
- **GPS:** 39.949464, -8.628838
- Armazém Junto à IC2
- **Afetação:** Armazéns e atividade industrial.

Área Total art.º 2184: 8.640,00 m²

Área Total art.º rústico 67: 4.720,00 m²

Área Bruta Privativa: 3.214,02 m²

Casa de Habitação T5

- **Local:** Pelariga, Fontinha
- **GPS:** 39.949464, -8.628838

Área Total art.º 393: 182,00 m²

Área Bruta Privativa: 123,99 m²

- **Afetação:** Casa de habitação, construída de pedra, tijolo e cal, com 3 divisões no r/c e 5 no 1.º andar, com uma dependência, duas divisões do r/c são destinadas para comércio, industria de vinhos e mercearia.

REGULAMENTO, CONDIÇÕES E CATÁLOGO DA VENDA DISPONÍVEIS EM LCPREMIUM.PT

COVILHÃ
Transversal do Sítio do Espertim,
Ap. 98 Centro Cívico 6200-815 Covilhã

LISBOA
Rua Padre Américo, 19 B - 1 to.
1600-548 Telheiras

FUNCHAL
Avenida Arriaga n., Sal 4 50,
9000-060 Funchal

(Chamada através de rede fixa/móvel: 0,09€ / 0,13€)
lcpremium.pt e:info@lcpremium.pt

PUBLICIDADE

DN, 3/9/2022

Msf Engenharia, S.A.
Proc. n.º 26775/18.2T8LSB - Trib. Jud. da Comarca de Lisboa - Juízo de Comércio de Lisboa - Juiz 1

LEILÃO ELETRÓNICO @

Início 02·SET·22 [17h] | Fim 21·SET·22 [10h]
Podendo prolongar-se por períodos de 30"

OTA - ALENQUER

ESTALEIRO DA OTA:
Casal Maria Magra, Estrada IC2, Km 44,4 - OTA - ALENQUER | GPS: 39.121233, -8.991325

Equipamentos de construção | Equipamentos para manutenção de máquinas | Material de escritório e equipamento informático

O leilão admite registos de oferta inferiores ao valor mínimo de venda.

Visitas: 15/09/2022 das 10h30 às 12h30.

Gestor Comercial: Gonçalo Felizol - 916 692 364

Cooperativa de Habitação e Construção Económica União Silvense CRL | Proc. n.º 1083/10.0TBSLV - Comarca de Faro - Olhão - Inst. Central - Sec. Com. - J2

LEILÃO ELETRÓNICO @

Início 05·AGO·22 [17h] | Fim 22·SET·22 [11h]
Podendo prolongar-se por períodos de 30"

SILVES

Horta da Cruz Portugal, Enxerim, Blocos A B, C, D, E, F e G - SILVES | GPS: 37.197263, -8.433458

VERBAS 29, 30, 33 a 40, 42 a 50, 52 a 54 e 62 a 92 — VALORES A PARTIR DE

Garagens - Áreas entre 16,09m² e 26,69m² — **4.000€**

VERBAS 97 a 104, 108, 113, 114 e 116 — VALORES A PARTIR DE

Arrecadações - Áreas entre 8,42m² e 250,50m² — **1.500€**

O leilão admite registos de oferta inferiores ao valor mínimo de venda.

Gestor Comercial: Rui Menezes - 912 877 867

João Alberto Salgueiro
Proc. n.º 539/13.8TJLSB - Trib. Jud. da Comarca de Lisboa - Juízo Local Cível - Juiz 2

LEILÃO ELETRÓNICO @

Início 04·AGO·22 [17h] | Fim 23·SET·22 [11h]
Podendo prolongar-se por períodos de 30"

ALFÂNDEGA DA FÉ

Rua da Portela - ALFÂNDEGA DA FÉ
GPS: 41.34270, -6.96408

VERBA 1 — Área de construção: 60m² — Terreno: 30m²

1/2 Indivisa de casa de 2 pisos

VALOR **3.377,69€**

REDUÇÃO VALOR DE VENDA

Cemitério - ALFÂNDEGA DA FÉ
GPS: 41.345587, -6.966986

VERBA 2 — Área de construção: 56m² — Terreno: 56m²

1/2 Indivisa de armazém

VALOR **2.456,50€**

VERBA 4

1/2 do prédio rústico composto por terra para centeio, com oliveiras, com área de 2.025m², sito em Fonte Fria, Valverde, Alfândega da Fé, descrito na CRP de Alfândega da Fé sob o n.º 537/Valverde e inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 2063 da União das Freguesias de Eucisia, Gouveia e Valverde, com valor patrimonial rústico de 20,05€.

NOTA: Não foi possível apurar a localização do terreno, constituindo ónus do adquirente a sua identificação.

VALOR **552,71€**

Gestora Comercial: Ângela Coutinho - 915 497 709

LEILÃO ELETRÓNICO @

Início 04·AGO·22 [17h] | Fim 23·SET·22 [12h]
Podendo prolongar-se por períodos de 30"

Jardins Braço de Prata - Empreendimentos Imobiliários, S.A. | Proc. n.º 2621/19.9T8VFX - Trib. Jud. da Comarca de Lisboa Norte - Juízo de Com. de Vila Franca de Xira - Juiz 2

VILA FRANCA DE XIRA

R. Almeida Garrett, n.º 38, piso 2 - V. F. DE XIRA | GPS: 38.9551417, -8.9880496

VERBA 1 — 31,50m²

Loja

VALOR **26.855,75€**

Gestor Comercial:
Bruno Rosa - 917 417 421

LEILÃO ELETRÓNICO @

Início 12·AGO·22 [17h] | Fim 28·SET·22 [12h]
Podendo prolongar-se por períodos de 30"

Olívia Júlia Pereira Madeira e Ramiro Rosa Madeira | Proc. n.º 574/19.2T8ACB - Tribunal Judicial da Comarca de Leiria - Juízo de Comércio de Alcobaça - Juiz 1

RIO MAIOR

R. José Pedro Inês Canadas, n.º 6 - RIO MAIOR
GPS: 39.337521, -8.933596

VERBA 1 — 62,90m²

1/2 Indivisa de loja

VALOR **17.318,33€**

Gestor Comercial:
José Gonçalves - 914 392 414

LEILÃO ELETRÓNICO @

Início 16·AGO·22 [17h] | Fim 26·SET·22 [11h]
Podendo prolongar-se por períodos de 30"

José Luís de Gouveia Ferreira
Proc. n.º 3622/17.7T8VFX - Trib. Jud. da Comarca de Lisboa Norte - Juízo de Comércio de Vila Franca de Xira - Juiz 4 de Loures

LOURES

Quinta de Santo António, Rua B, Lote 89, Camarate - LOURES
GPS: 38.797237, -9.125218

VERBA 2 — 409m²

Armazém

VALOR **144.500€**

Quinta de Santo António, Rua C, Lote 6, Camarate - LOURES
GPS: 38.797788, -9.125311

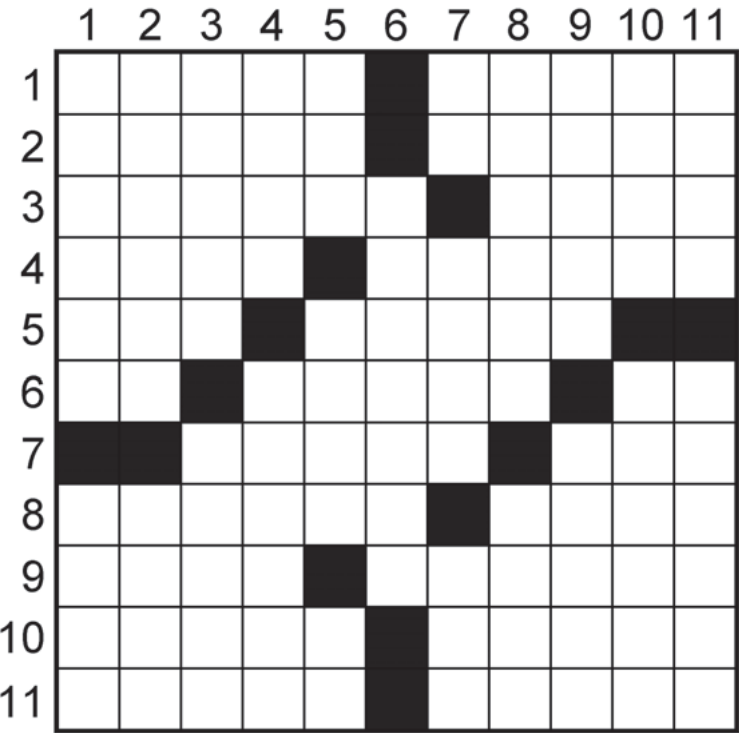
VERBA 4 — 580m²

Armazém

VALOR **170.600€**

Gestor Comercial:
Bruno Rosa - 917 417 421

(chamadas para a rede móvel nacional)

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Rio da Turquia e do Iraque. A primeira e a mais delgada corda de alguns instrumentos musicais. 2. Enganar-se. Estreito que liga dois mares. 3. Dar as cores do arco-íris a. Rebuçado (Bras.). 4. Lenda. Mover com frequência. 5. Aperto com nó. Liso. 6. Rádio (símbolo químico). Atoarda. Observei. 7. Demente. Anuência. 8. Desligado ou solto. Utensílio para fiar à roca. 9. Impertinência. Insurgir-se. 10. Anos de vida. Cuida. 11. Estampilhar. Polipeiro marinho.

Verticais:
1. Insistir em. Erva-doce. 2. Exaspera. Vara de videira. 3. Berro. Relativo a duque. 4. Rasteiro. Pancada com bola. 5. Época. Visto que. Érbio (símbolo químico). 6. Que rala. 7. Computador Pessoal. Bichano. Abreviatura de et cetera. 8. Rabugento. Perspicácia (figurado). 9. Inerente. Sorver. 10. Porta-bagagens. Viaja por. 11. Levantar. Indecente.

SUDOKU

5	7			1	8			3
9				4	2	7		
		3	5	7		1	8	2
	5		8		1		3	7
1	3					6		9
	4	7						8
	1	4	2		7		9	
			4					
						8	6	

SOLUÇÕES

5	7	2	6	1	8	9	4	3
9	8	1	3	4	2	7	5	6
4	6	3	5	7	9	1	8	2
6	5	9	8	2	1	4	3	7
1	3	8	7	5	4	6	2	9
2	4	7	9	3	6	5	1	8
8	1	4	2	6	7	3	9	5
3	9	6	4	8	5	2	7	1
7	2	5	1	9	3	8	6	4

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Tigre. Prima. 2. Errar. Canal. 3. Irisar. Bala. 4. Mito. Agitar. 5. Ato. Plano. 6. Ra. Boato. Vi. 7. Doido. Sim. 8. Avulso. Fuso. 9. Nica. Reagir. 10. Idade. Trata. 11. Selar. Coral.
Verticais:
1. Teimar. Anis. 2. Irrita. Vide. 3. Grito. Ducal. 4. Raso. Bolada. 5. Era. Pois. Er. 6. Ralador. 7. PC. Gato. Etc. 8. Rabino. Faro. 9. Inato. Sugar. 10. Mala. Visita. 11. Alar. Imoral.

AGENDA 7 DIAS 7 PROPOSTAS

As escolhas de **Teresinha Landeiro**

Fado Apesar de ter apenas 25 anos, a fadista já tem um grande currículo de concertos, dados em palcos como a Casa da Música, o Centro Cultural de Belém e o Capitólio, para além de festivais internacionais na Colômbia e na Argentina. Em 2021 lançou o seu álbum *Agora*. Estas são as suas sugestões para os próximos sete dias.

DEPOIMENTOS RECOLHIDOS POR **FILIPE GIL**

1

COMER

Casa Negrito, Azeitão

DOMINGO, 4 DE SETEMBRO

O pequeno-almoço de fim de semana é a minha refeição favorita. Tomado com calma, reforçado e na companhia da família ou dos amigos. Onde é que ele é mesmo bom? Na Casa Negrito, em Azeitão. Tem as minhas torradas favoritas, o melhor bolo *red velvet* e salgadinhos ótimos. E antes de seguirem para um passeio na serra da Arrábida passem pelo Cego, para comer uma torta ou um esse de Azeitão. E depois sim, já podem seguir.

2

LER

***Flores*, de Afonso Cruz**

SEGUNDA-FEIRA, 5 DE SETEMBRO

A leitura é uma das formas que tenho mais à mão de viajar e cai bem em qualquer dia da semana. Os livros e os seus autores são uma fonte de inspiração através das imagens que criam e das histórias que nos contam. Já conhecia o Afonso Cruz, mas nunca o tinha lido. Então li o livro *Flores* e fiquei totalmente rendida. É um mestre das imagens bonitas, descrições deliciosas e patrocinador de viagens a custo zero. Quando li o livro *Flores* senti que teria de o recomendar a toda a gente. E aqui estou eu. Leiam-no para vosso bem.

3

FILME

Os Meninos que Enganavam os Nazis

TERÇA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO

É difícil encontrar finais felizes nas histórias do Holocausto, e se por acaso existirem, este filme retrata um deles. Marcou-me para sempre.

4

OUVIR

Os Quatro e Meia

QUARTA-FEIRA, 7 DE SETEMBRO

Gosto muito d'Os Quatro e Meia. Dentro dos seus álbuns existem canções para todas as ocasiões. Há músicas para dançar, para cantar junto, para ficar mais introspetivo, para ouvir no pôr do sol... para tudo. São também uma ótima companhia de viagem. Se ainda não conhecem, vão a correr ouvir. Se já conhecem, ouçam de novo, que faz bem ao coração.

5

FADO

Mesa de Frades, Alfama

QUINTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO

Cresci nas casas de fado, e por isso acho sempre que todos os portugueses já foram a uma. Acabo sempre por constatar que não. Por isso, se não foram, acho mesmo que deviam ir. Dia 8, como é apanágio das quintas-feiras na Mesa de Frades, poderão ouvir a Tânia Oleiro, uma fadista que admiro muito pelo seu canto melodioso e elegante e pelo bom gosto que tem na escolha de reportório. Se passarem por lá uma sexta-feira, poderão encontrar-me a cantar. Às segundas, Rão Kyao ou João Braga, às terças, Beatriz Felício, às quartas, Rodrigo Rebelo de Andrade, e aos sábados Ana Sofia Varela. Estão todos convidados

6

CONCERTO

Teresinha Landeiro, Centro Cultural de Lagos

SEXTA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO

Vou aproveitar para puxar a brasa à minha sardinha e convidar-vos a assistir ao meu concerto no Centro Cultural de Lagos. Quem não conseguir ir até Lagos no dia 9, pode ir até ao Auditório Municipal de Albufeira no dia 10, para uma segunda ronda. E como não há duas sem três, quem não estiver tão para sul pode ir até ao Palácio Baldaya, em Benfica, no dia 11, que também estarei por lá a cantar.

7

VIAJAR

Moinho do Maneio, Penamacor

SÁBADO, 10 DE SETEMBRO

Tenho uma costela beirã graças aos meus avós paternos, nascidos e criados na Beira Baixa. Por isso o conselho que vos dou é o seguinte: não vão para muito longe para descansar e ver coisas bonitas. Há centenas de paraísos neste nosso país. Podem ficar hospedados no Moinho do Maneio, em Penamacor, e aproveitar para conhecer algumas das aldeias que existem por ali. Garanto que não se vão arrepender.

Torta de Azeitão na pastelaria Cego, um dos conselhos de Teresinha Landeiro.

Diario de Noticias

Director — AUGUSTO DE CASTRO

Domingo, 3 de Setembro de 1922

EXEMPLOS ALHEIOS

O recurso das violencias é funesto para todos

NA ALEMANHA

O MISTERIO DE CARGNACCO

ONDE ESTÁ O "PORTO"?

A LUTA FRATRICIDA NA IRLANDA

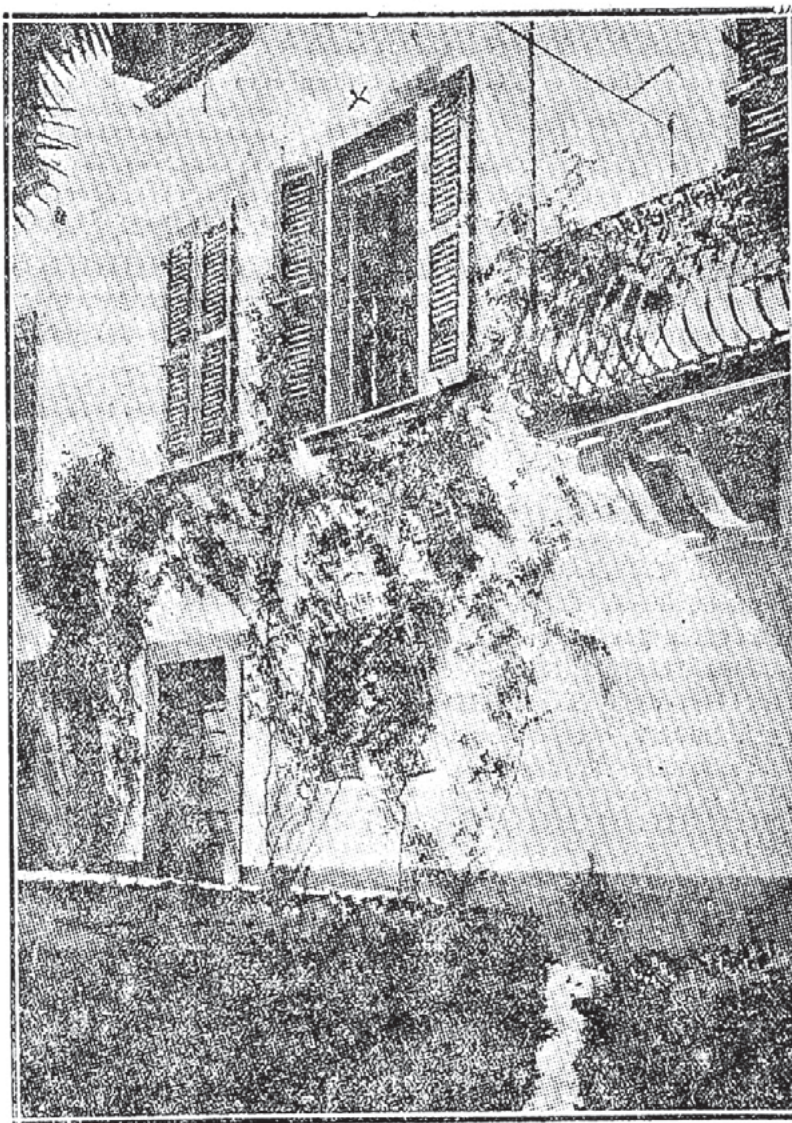
REVISTA ECONOMICA E FINANCEIRA

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 3 DE SETEMBRO DE 1922 PARA LER HOJE

SELEÇÃO DO ARQUIVO DN
POR **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

O MISTERIO DE CARGNACCO

O ultimo vôo de D'Annunzio, duma janela da sua poetica vivenda, no norte de Italia, sobre o lago de Garda

A janela florida de onde Gabrielle D'Annunzio se precipitou sobre o jardim da sua poetica vivenda

A queda desastrosa e ainda misteriosa de Gabriel D'Annunzio, o poeta aviador, da janela da sua poetica vivenda de Cargnacco, sobre o lago de Garda, no norte da Italia, que a nossa gravura reproduz, tomou, nas primeiras horas, um aspecto verdadeiramente tragico, pois se dizia que o poeta ficára em estado gravissimo.

Os boletins medicos eram colocados a porta, duas vezes por dia, e na fachada da casa foi aposta uma taboleta com as seguintes palavras: Silentium, Clausura*—cuja prescrição foi rigorosamente mantida.*

Mas, depois de alguns dias de angustia e ansiedade para todos os italianos que têm em D'Annunzio o seu grande Poeta nazionale, *e até para todo o mundo culto que venera no autor da «Passeggiata» um dos maiores, senão o maior espirito literario do nosso tempo, os seis medicos que assistiram ou visitaram o ilustre enfermo, declararam enfim que ele estava salvo.*

De facto, as mais recentes comunicações telegraficas dão D'Annunzio entrado numa franca convalescença, sem vestigios do desastre, o que faz crer que o fecundo escritor italiano possa, dentro em breve, regressar ás suas ocupações literarias e terminar a grande obra que tinha iniciado e á qual os jornais italianos já se têm referido, prevendo que deve causar, pela sua originalidade, a mais retumbante sensação.

EXEMPLOS ALHEIOS

O recurso das violencias é funesto para todos

COMO FRACASSARAM AS ULTIMAS GREVES EM ESPANHA E EM FRANÇA

Em Barcelona os terroristas exterminam-se uns aos outros

Madrid, Agosto de 1922.

Resolvida a greve dos funcionarios postais, com o triunfo completo da disciplina e do prestigio dos poderes publicos, todos reconhecem que o governo alcançou um grande exito, que lhe dará força e autoridade moral e consolidará a sua situação á frente dos negocios do Estado, se não surgirem outras questões que possam comprometer a sua estabilidade.

O governo do sr. Sanchez Guerra, encarando este assunto da greve com indiscutivel clarividencia, procedeu com fino tacto: assumiu uma atitude de firmeza e energia, sem chegar a usar de violencias escusadas; e, fortemente assistido pela opinião publica, logrou conjurar um conflito que se apresentava com aspectos gravissimos.

Uma greve, quando não conta com a simpatia popular, está virtualmente perdida para os que a intentam; e se os funcionarios que dirigiam o movimento não estivessem ofuscados pela exaltação do animo e tivessem podido vêr claro na situação, teriam aceitado os ensejos que lhes ofereceu o governo para depôr a sua atitude, sem quebra de dignidade. Os promotores da greve não viram que dentro do proprio Corpo de Correios, o movimento não tinha a aprovação da grande maioria dos prestimosos funcionarios que tão inteligentemente e com tanta devoção elevaram estes importantes serviços publicos á altura em que se encontram hoje; não tiveram em conta que os carteiros lhes negaram o seu apoio; contavam com a adesão do Corpo de Telegrafos e de outros empregados do Estado e não a tiveram. A reprovação da opinião publica foi quasi unanime, e tal sentimento não poderia escapar á perspicacia de qualquer observador mediano que assistisse serenamente ao curso dos acontecimentos.

E' que os prejuizos ocasionados pela greve foram muitos e de grande importancia, e cada cidadão, contribuinte ou não contribuinte, crê que, quando coloca uma estampilha na sua carta e confia esta ao Correio tem o direito de exigir que essa carta—como coisa sagrada e intangivel—chegue indefectivelmente ao seu destino. Além disso, a greve tinha mais o ar de coisa politica e oposicionista, que de uma reivindicação de direitos e de justa melhoria. Os grevistas pretendiam usurpar de certo modo as funções do Governo e do Parlamento, e tomavam atitudes cominatorias de coacção e ameaça, e isto impopularizou o movimento desde o principio!

Agora, o governo ocupa-se de reorganizar os serviços postais e de liquidar a questão da greve, e neste ponto parece que adoptará um criterio de franca benevolencia, sem chegar a estabelecer um precedente de absoluta impunidade, visto que se trata da defesa de interesses publicos confiados á salvaguarda do Poder.

A questão do terrorismo em Barcelona é tambem motivo de funda preocupação do governo. Houve um momento em que pareceu completamente dominado este grave mal social: foi quando os sindicalistas considerados perigosos estiveram presos preventivamente e por ordem da autoridade administrativa, amparada na suspensão das garantias constitucionais. Em março ultimo foram restabelecidas as garantias e libertos todos os presos chamados «governativos». E em seguida recomeçaram os assassinios, com a diferença de que as vitimas preferidas eram agora, não os burgueses—os patrões—mas sim os proprios sindicalistas.

As dissidencias entre os sectarios fizeram nascer o Sindicato Livre, que se colocou em frente do Sindicato Unico... como o seu mais mortal inimigo! E os atentados sucedem-se outra vez com deploravel frequencia. Agora coube a vez ao chefe do sindicalismo «Unico», Angel Pestaña! Diz-se que os individuos que o feriram foram, não já os adversarios do Sindicato Livre, que o odeiam, mas sim os seus proprios correligionarios do Sindicato unico!

Assegura-se que os seus correligionarios não o achavam, já, bastante radical; supunham que ele evolucionava em sentido conservador, e por isso decidiram liquidá-lo!...

Sejam quais forem os motivos destas violencias, não ha nada mais absurdo que discutir ideias a tiros! Porque, além do que isto tem de repugnante e selvagem, o assassinio não resolve nada. Isto é, matar por matar; e como no fundo de cada individuo, por peores que sejam os seus instintos ou por mais perturbada que esteja a sua cabeça, sempre existe a consciencia acusadora, esses homens que se entregam á triste tarefa exterminadora sentirão a tristeza do remorso quando a paixão se dissipe e eles possam meditar. Então hão-de vêr quanto foi esteril e inutil a sua obra homicida!

Ha dias dizia o Santo Padre que, contra este delirio homicida a que assistimos não ha outro refugio que a religião de Cristo, que diz: «Não matarás»... Tem razão Sua Santidade. Os que matam por ideias são no fundo uns misticos, uns fanaticos. Sómente, em vez de crenças, têm superstições: em vez de ideias, ilusões...

Este é o grande mal que urge combater com tacto,—sem o que, não sairemos do circulo vicioso dos atentados e das represalias!

José **MARIA SANTOS.**

Os acontecimentos do Havre não encontraram eco em Paris

Havre—Paris, 27 de Agosto.

Redijo estas notas no regresso do Havre a Paris, depois dum dia calmo. O Cercle Franklin, ontem á noite rodeado de barricadas e trincheiras por algumas centenas de jovens sindicalistas exaltados, rendeu-se sem resistencia ao começar da madrugada. Como fazia notar um dos meus colegas representante dum jornal de Paris, construir barricadas é mais facil do que defendê-las. A fortaleza preferiu não se opôr ás tropas assaltantes. A' medida que o cerco, ordenado pelo general que tomara a seu cargo o comando do serviço de ordem, se ia fechando, os grevistas escapuliam-se pelos caminhos ainda livres. Quando os primeiros gendarmes penetraram no Cercle, só lá havia seis pessoas.

Essas pessoas foram imediatamente conduzidas á prisão. Desde esta manhã outras se lhes juntaram. Entre estas ultimas, um delegado dos comunistas de Metz que viera para «seguir» os acontecimentos e varios comunistas de Paris. A presença no Havre de todos esses elementos explica o que aconteceu. A esplanada da Republica tinha hoje ao romper de alva o aspecto dum campo de batalha, algumas vitimas sofrem nos hospitais e nem por isso as reivindicações talvez justas dos metalurgicos fizeram um passo no sentido que eles podem desejar. Em torno desses operarios descontentes quis-se criar um nucleo de agitação politica. As ilusões benevolas dum «maire» conciliador não lhe permitiram vêr o perigo. E esse perigo veio e cresceu em extensão e em gravidade.

Hoje, vi nas mãos de alguns soldados um manifesto assim redigido:

> Camaradas soldados:
> **Porque disparastes as espingardas? Não deveis repetir esse acto.**
> **Vêmos com mágoa que os nossos camaradas soldados dispararam contra nós.**
> **Resultado: três mortos e oito feridos entre os operarios.**
> **Não é possivel que recomeceis.**
> **Pensai no desespero das mães, das mulheres e dos filhos das vitimas.**
> **E tudo isso porque os amamos, como vós amais os vossos.**
> **Não podiamos vê-los morrer de fome.**
> **O governo intima-vos a marchar contra nós.**
> **Que fareis então?**
> **Nós vos dizemos:**
> **Camaradas irmãos: não dispareis as espingardas.**

Esse documento e talvez outros encontrados nas buscas desta manhã, servirão para justificar a acusação de «incitamento á desobediencia dirigido aos soldados» pela qual, segundo me asseguram, alguns dos presos de hoje terão de responder.

Esta manhã toda uma zona do Havre estava rodeada de tropas. O acesso ali era quasi impossivel. No resto da cidade, reinava a consternação e a muitos operarios ouvi lamentar, burguezmente lamentar, a feição que as coisas tinham tomado bruscamente. Ao contrario do que se esperava, o estado de sitio não foi proclamado. O prefeito do Sena-Inferior considera essa medida extrema dispensavel. Desde o momento em que o governo pôs ás suas ordens forças suficientes, ele pensa poder garantir a manutenção da ordem. Essas forças são importantes. Havia 6.000 soldados no Havre esta manhã.

Diz-se, porém, que os comunistas não deixarão perder tão depressa o ensejo que se lhes oferece para experimentar os seus meios de acção. Atribui-se-lhes a intenção de promover perturbações da ordem em outras cidades de França, como protesto, dirão eles, «contra a intervenção da força publica nos conflitos operarios». Aventa-se mesmo a hipotese de uma greve geral de 24 horas em Paris.

Neste momento, ultima estação antes da capital, chega-me ás mãos o «Temps» desta tarde, com um artigo sobre os acontecimentos. Reproduzo a judiciosa conclusão desse artigo:

> **Assim, a ordem restabeleceu-se no Havre sem que o sangue tenha sido de novo derramado. Não podemos senão louvar a acção ao mesmo tempo energica e prudente das autoridades, que deu tão rapidamente os resultados desejados. E' preciso que se não possa supôr que numa grande cidade de França, a desordem possa dominar, mesmo durante algumas horas. A firmeza do governo no cumprimento do dever elementar da manutenção da ordem é a primeira condição de toda a segurança da vida nacional. E' por essa firmeza nas circunstancias graves que se julga mais seguramente um regime e que se justifica a confiança dos bons cidadãos nos homens que assumem a responsabilidade do poder. No Havre, a insurreição foi reprimida como era necessario que fôsse, e a causa da ordem foi eficazmente defendida. E' licito vêr aí um sinal reconfortante da saude moral da França, que as manobras revolucionarias não têm podido abalar. Os trabalhadores serão os primeiros a percebê-lo, e, sentindo-se apoiados e protegidos contra os desordeiros, de cada vez mais se afastarão das organizações nas quais a causa dos operarios não é mais que o pretexto para preparar a revolução contra a nação e contra a democracia.**

Em palavras de moderação e de bom-senso, eis aí uma excelente doutrina que nem só em França deveria ser proclamada e defendida no momento actual.

Jorge **GUERNER.**

N. da R.—A hipotese, a que alude Jorge Guerner, de uma greve geral de 24 horas em Paris confirmou-se, como é do conhecimento dos leitores. Porém o que houve foi apenas um tenue arremedo de greve—tão tenue que os parisienses quasi não deram por isso.

EUROMILHÕES SORTEIO: 070/2022 CHAVE: 7-12-13-20-45 + 3-12

M1LHÃO SORTEIO: 035/2022 1.º PRÉMIO: RMP 03147

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

DÉJÀ VU POR ANDRÉ CARRILHO

Um legado complexo

Costa destaca grande sintonia entre Portugal e Moçambique

MAPUTO Primeiro-ministro terminou visita oficial de dois dias com um balanço "francamente positivo" e destacou a vontade política dos governos dos dois países em reforçar a cooperação.

O primeiro-ministro, António Costa, fez ontem um balanço positivo da visita oficial de dois dias a Maputo e da V Cimeira Luso-Moçambicana, destacando a "grande sintonia e vontade política" dos dois países para reforçar a cooperação. "Eu acho que esta cimeira foi francamente positiva em todos os domínios. Do ponto de vista político, há de facto uma grande sintonia e vontade de reforçar a cooperação entre os dois governos", afirmou António Costa, considerando que, "do ponto de vista político, económico, militar e da segurança, [foi] claramente positivo".

No final de um encontro com a comunidade portuguesa na Escola Portuguesa de Moçambique, em Maputo, o chefe do governo assinalou que o fórum económico e de investimento entre Portugal e Moçambique "teve uma grande participação das empresas portuguesas" e apontou que os dois países assinaram nesta cimeira "um conjunto de instrumentos financeiros novos de apoio ao investimento das empresas portuguesas aqui em Moçambique e também no conjunto dos PALOP".

Também o governo moçambicano "deu uma mensagem muito forte de desejo de que as empresas portuguesas venham para Moçambique, invistam em Moçambique, ajudem Moçambique", considerou o primeiro-ministro. "Temos um conjunto novo de áreas de cooperação a desenvolver e, sobretudo, uma vontade comum, como há muito tempo eu não via, das autoridades moçambicanas, das autoridades portuguesas para trabalharmos juntos para ajudar a desenvolver Moçambique e também para reforçar a amizade tradicional entre os nossos povos e os nossos países", salientou.

Neste balanço, António Costa referiu também "a dimensão internacional e de segurança, não só na cooperação bilateral do ponto de vista militar", mas também por Portugal integrar a União Europeia e Moçambique ser membro da SADC [Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral], e juntos poderem "unir estas forças, por exemplo, para enfrentar o desafio do terrorismo em Cabo Delgado".

DN/LUSA

O último Avante! de Jerónimo? "Um dia será"

O secretário-geral do PCP hesitou ontem pela primeira vez quando questionado sobre a possibilidade de esta ser a última participação na Festa do Avante! como dirigente máximo do partido, afirmando que virá "sempre como militante". Face à insistência, o secretário-geral comunista pausou por um momento, ficou pensativo, mas acabou por responder a mesma coisa sempre que a pergunta surge: "Um dia será."

Conselho de Administração Marco Galinha (Presidente), Domingos de Andrade, Guilherme Pinheiro, António Saraiva, Helena Maria Ferreira dos Santos Ferro de Gouveia, José Pedro Soeiro, Kevin Ho e Phillippe Yip **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretora** Rosália Amorim **Diretor-adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Data Protection Officer** António Santos **Diretor de Tecnologias e Sistemas de Informação** David Marques **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 28 571 441,25 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção e Patrícia Lourenço **Direção Comercial** Frederico Almeida Dias e Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital social:** KNJ Global Holdings Limited – 35,25%, Páginas Civilizadas, Lda. – 29,75%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 24,5%, Grandes Notícias, Lda. - 10,5% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023026 56018